

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DE GUANABRA – PDBG
SUB-PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
EDUCAÇÃO PARA GESTÃO AMBIENTAL

HISTÓRIA AMBIENTAL DO MORRO DO CÉU: A
ATUAÇÃO DOS DIVERSOS ATORES SOCIAIS

DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA
REGINA LUCIA DO NASCIMENTO

Rio de Janeiro
Agosto de 2001

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DE GUANABRA – PDBG
SUB-PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
EDUCAÇÃO PARA GESTÃO AMBIENTAL

HISTÓRIA AMBIENTAL DO MORRO DO CÉU: A
ATUAÇÃO DOS DIVERSOS ATORES SOCIAIS

DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA
REGINA LUCIA DO NASCIMENTO

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UERJ como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista
em Educação para Gestão Ambiental,
sob a orientação da professora
Bertha Borja Reis do Valle

Rio de Janeiro
Agosto de 2001

Dedicamos este trabalho a todos
os moradores do Morro do Céu que,
juntos dos que aprenderam a amar
o lugar, sofrem com as conseqüências
de um lixão e do abandono público

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que nos ajudaram de alguma forma para a concretização deste trabalho, sendo difícil nomear um a um.

Gostaríamos de agradecer:

- aos pai e mãe e à família, pela força que sempre deram;
- à todos os entrevistados, pelas informações recebidas, em especial aos moradores, pelo carinho recebido;
- à equipe da UERJ e PDBG, pelos meses de trocas;
- aos novos amigos de curso pelos meses de convívio e amizade sincera.

RESUMO

A região do Morro do Céu, Caramujo, Niterói, era, até cerca de 20 anos atrás, uma região de colinas e vales, dominados por sítios, de bom clima, poucos habitantes, muitos recursos naturais, como matas, nascentes, animais silvestres. Após o fechamento do lixão de Viçoso Jardim, em bairro adjacente, a prefeitura de Niterói passou a levar o lixo para o aterro controlado de Gramacho, em Duque de Caxias. Como o custo de tal operação era demasiado alto, a nova prefeitura da cidade se viu na incumbência de providenciar um local para servir de vazadouro de lixo. Desta forma, em 1983, todo o lixo da cidade de Niterói passou a ser jogado, sem nenhum tratamento, na região do Morro do Céu. Houve vários protestos por parte da população local, que resistiu o quanto pôde, com manifestações, fechamento de ruas, bloqueios a caminhões, idas à jornais, etc. Porém, sob argumentos de que o lixo é nosso e, por isso, nós temos que cuidar dele, e que a cidade de Niterói não dispunha de outro local para servir de vazadouro do lixo, este continuou até os dias de hoje no local. Promessas de benfeitorias, como asfalto e linha de ônibus, contribuíram para a aceitação inicial da operação por uma parte dos moradores. Após quase 20 anos de atividade, a região está totalmente transformada, com suas águas poluídas, vegetação sendo destruída, a população sofreu um grande aumento, e as benfeitorias no local são deficitárias, com falta de saneamento básico, ônibus deficiente, falta de calçamento. A lixeira atrai uma série de animais, como urubus, moscas, ratos, além de ter porcos, bois, cavalos se alimentando do lixo. Sem contar o chorume, que não tem tratamento e deságua em um rio que corta o município de São Gonçalo caindo na Baía de Guanabara. A poeira trazida e levantada pelos caminhões, além do barulho e do cheiro emanado pelo lixão, completam o quadro de degradação a que a região está sujeita. Este trabalho visa a contribuição para o resgate da História Ambiental desta região, construída a partir das lembranças e depoimentos dos moradores e das diversas pessoas e instituições que participaram da instalação da lixeira, buscando uma discussão entre as diferentes contribuições de cada ator social envolvido. Terminamos o estudo com propostas de ação a serem implementadas na região, afim de atenuar o sofrimento da população e a destruição do meio ambiente a que esse local vem sendo submetido há quase duas décadas.

SUMÁRIO

Introdução	
Apresentação	7
Problemática do lixo	8
Perguntas	9
Objetivos	
Justificativa	11
Objetivos específicos	12
Metodologia	13
1 - Descrição da área	14
1.1 - O Morro do Céu	14
1.1.1 – Localização e Características geológicas	14
1.1.2 – Vegetação	14
1.1.3 – Hidrologia	15
1.1.4 – Ambiente	15
1.1.5 – Serviços públicos existentes	15
1.1.6 – Urbanização e Saneamento básico	16
1.2 - A lixeira	16
2 - O processo de implantação	19
2.1 - A área antes da lixeira	19
2.2 – Implantação da Lixeira	21
2.2.1 – Lixão e Política	24
2.2.2 – Lixão e Legislação	28
2.3 - A área hoje	31
2.3.1 – Benfeitorias?	31
2.3.2 – Crescimento	32
2.3.3 – Catadores	33
2.3.4 - Águas e Chorume	35

2.3.5 - Animais e Vetores de Doenças	37
2.3.6 - Aterramento do lixo / Lixo Hospitalar	38
2.3.7 - Fauna e Flora	39
2.3.8 - Odor, Barulho e Poeira	40
2.3.9 – Violência e Tráfico	41
2.4 - Soluções Apresentadas	41
3 – Considerações Finais	44
3.1 - Propostas e Plano de Ação	48
Bibliografia	51

INTRODUÇÃO

Apresentação

Como professor há quase três anos da Escola Municipal José de Anchieta, localizada na região do Morro do Céu, no Caramujo, Niterói, sempre me inquietou e incomodou a presença, a cerca de 500 metros, do vazadouro de lixo da cidade. Através de relatos de diversas professoras e alunos fui descobrindo que muitos destes freqüentam este local, junto com a família, à cata de materiais para vender ou comida para própria alimentação. Certa vez, uma professora contou os relatos de seus alunos, que naquelas semanas estavam felizes porque podiam comer leite condensado, algo que nunca haviam feito. Um caminhão de um novo supermercado começara a lançar seus rejeitos no referido lixão, e eles coletavam diversos tipos novos de alimentação, coisas que não tinham a oportunidade de fazer normalmente.

O sentimento de que algo devia ser feito começou a tomar conta de nossos pensamentos, e este sentimento se agigantava a cada vez que eu chegava ou saía da escola e era obrigado a vislumbrar o visual de montanhas e montanhas de lixo que são diariamente acrescidas em mais cerca de seiscentas ou setecentas toneladas.

Por mais que aquela visão se torne uma coisa “normal”, por mais que a gente se acostume, não podemos arrancar de nós a estranha sensação de saber que, logo ali ao nosso lado, estão crianças no meio do lixo, descalças, rotas, juntos aos pais, à cata de materiais para revender e de comida para comer.

Além disso, ao olharmos a região em torno, se pudéssemos simplesmente apagar a figura das montanhas de lixo do local, veríamos uma região de pequenas colinas, ruas pacatas, muitas árvores, uma região na qual, com certeza, gostaríamos de construir nossa casa e criar nossa família.

Pensando em dar nossa contribuição à busca das soluções para os impasses desta região, resolvemos estudá-la, conhecê-la a fundo, o que, sem dúvida, apenas alimentou nossa admiração pelo local e seus moradores.

Problemática do lixo

O problema da produção de lixo não é novo para o ser humano, porém vem sendo continuamente aumentado em decorrência do aumento da população e da industrialização. Da antiguidade até os tempos modernos, a primeira estratégia para se desfazer do lixo sólido tem sido depositá-lo sobre um terreno baldio (Super Interessante, 1990). Porém, antes da industrialização, o tipo de lixo produzido pelo homem se resumia aos, praticamente, orgânicos (de origem animal ou vegetal), e este, sendo biodegradável, não se acumula no solo, podendo a própria natureza reciclá-lo. Com o avanço do processo de industrialização, houve um grande aumento na produção de resíduos, além de uma modificação de suas características. Na década de 60, por exemplo, temos o surgimento do plástico, que substituiu gradativamente alguns materiais, diminuindo a participação da matéria orgânica (Mahler, 2001). Isto pode ser verificado em um trabalho de análise do lixo feito pela Companhia de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (Comlurb, 2000), que verificou a participação de cada tipo de resíduo (plásticos, vidros, orgânicos, etc.) no lixo da cidade, de 1981 a 2000. Foi possível identificar algumas mudanças de hábitos, como a tendência de queda na quantidade de papel/papelão e o aumento constante na utilização do plástico. Isto se deve, por exemplo, à substituição do papel/papelão em embalagens (como nas sacolas de supermercados) e na área de alimentos prontos e semi-prontos, pois o plástico se difunde cada vez mais no mundo como o material ideal para embalagens e produtos descartáveis em geral (Presser, 1991).

Além disso, quanto mais desenvolvida a sociedade, mais resíduos sólidos por habitantes são por ela produzidos. Na razão inversa está a quantidade de matéria orgânica encontrada. Como exemplo, pode-se citar a média de resíduos produzida pelos suíços, que é de 1,7 kg/dia por habitante, com um percentual de matéria orgânica de 35 a 40%, enquanto em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo a média é de 1 kg diário por pessoa com 50 a 60% de matéria orgânica. Em cidades do interior do Brasil a quantidade de matéria orgânica chega a 80%, e a quantidade de lixo per capita ao dia é de cerca de 0,5 kg (Mahler, 2001). Quanto menos recursos têm uma sociedade, maior será a manipulação dos alimentos nas residências, o que gera resíduos como cascas, folhas, caules, partes estragadas e outros rejeitos. Adiciona-se a isso uma deficiência na armazenagem e a aquisição de produtos já mais passados, gerando um maior desperdício e uma perda

prematura dos gêneros alimentícios (COMLURB, 2000). Ao inverso, quanto maior o poder aquisitivo, maior o consumo de produtos prontos e semi-prontos que geram menos resíduos orgânicos, mas uma quantidade maior de lixo.

Podemos considerar, desta forma, que à medida que a população de uma região cresce e se desenvolve, maiores serão os problemas ocasionados pela produção e disposição final do lixo. Centenas de casos poderiam ser citados. Tomemos o exemplo de Sant'Ana do Livramento (Moraes, 2001). Uma cidade de 90 mil habitantes, que produz mais de 90 toneladas diárias de resíduos sólidos, onde o atual lixão vem dando sinais de esgotamento, e ainda não se definiu nova área para despejar o lixo. A principal área sendo estudada para ser o novo vazadouro fica muito próxima de pequenas chácaras de plantadores de hortifrutigranjeiros, 80 hectares de uma vinícola, produções de pêra, ameixa, figo, pêsego, leite, além de ser uma bonita região, banhada por um grande número de vertentes naturais. A produção de lixo continua e uma solução precisa ser encontrada.

Niterói passou por situação idêntica há cerca de 20 anos. A área do antigo lixão foi aposentada, e em regime de urgência teve que se encontrar uma nova área para despejar todo o resíduo sólido produzido pela cidade. Mas é difícil encontrar uma área que não seja habitada, que não vá ocasionar impactos, se não ao meio ambiente, à população que vive em seu entorno.

Perguntas

Questionamentos nos vieram à mente: como é a gênese de um lixão? Como se escolhe a área a ser adotada? Como se dá a instalação? O que traz a lixeira para a população do entorno? Esta reage, o aceita? O que faz a comunidade para não tê-lo? Como convive com ele?

As conseqüências de um lixão são conhecidas por todos. Muito já se falou sobre o assunto. Mas, e o processo? Como se dá essa transformação? E o morador? Aquele que habita um lugar, muitas vezes há anos, muitas vezes um lugar bonito, como esse da nossa pesquisa. De repente, esse morador vê seu lugar, seu bairro, sua rua, sua casa, tomados por lixo. O que ele pensa disso tudo? Como age frente a essa nova situação?

E do outro lado, o poder público, responsável pela instalação da lixeira, o que diz? São condizentes os discursos? Têm coerência? Ambos os lados, moradores e

poder público, falam a mesma língua, têm as mesmas opiniões? Qual lado vence, e por quê?

Todas essas questões nos vieram a mente quando pensamos em pesquisar o lixão de Niterói, no Morro do Céu, Caramujo. Um lugar, hoje, bem diferente do que era há vinte anos. Ainda dono de uma beleza observada em suas tranqüilas ruas, nos pequenos pedaços de mata que ficaram, nos sítios remanescentes. Esses pedaços de verde convivem com um vizinho bem diferente: montanhas de lixo e todos os inconvenientes que isso pode trazer consigo.

Como foi o processo de instalação da lixeira neste local, que mudanças trouxe e quais as atuações dos diversos atores sociais que se relacionaram e ainda se relacionam com a mesma, são as questões que procuramos responder. Para isso, dividimos a apresentação de nosso estudo em três capítulos, organizados da seguinte forma: no capítulo 1 temos a descrição da área de estudo, feita em duas partes: a área do Morro do Céu e a lixeira propriamente dita. No segundo capítulo relatamos a História em quatro etapas: como era a área antes da existência da lixeira; como se deu o processo de instalação, incluindo uma discussão sobre os debates travados e outra sobre a legislação pertinente; como é a área hoje, através de diversos aspectos; e por último, uma visão sobre as soluções que nos foram apresentadas pelos entrevistados para os problemas existentes no local. Utilizamos nesta parte, basicamente, a memória oral de nossos entrevistados. No terceiro capítulo temos nossas considerações finais, onde encontraremos também algumas propostas de ação.

Optamos por colocar frases de entrevistas para ilustrar melhor as falas dos atores sociais envolvidos. Outrossim, optamos por colocar estes fragmentos de entrevistas como notas de rodapé, para que o texto não ficasse por demais quebrado, e desta forma facilitasse a leitura, embora haja citações menores no corpo do texto.

OBJETIVOS

Justificativa

A problemática do lixo está longe de ter um fim definitivo. Diversos estudos são feitos, e as opiniões sobre a melhor maneira de tratá-lo são muitas vezes contraditórias. No meio desta discussão, estão os moradores da região do entorno de um vazadouro de lixo, seja este um aterro sanitário, aterro controlado, ou lixão¹ (Classificação adotada pela CETESB, *apud* Mahler, 2001). Mesmo sem o saber, as conseqüências de um tratamento mal feito podem ser sentidas a uma grande distância do local de origem, seja através da poluição do ar (queima de gases e incineração dos resíduos) ou da água (quando o chorume alcança o lençol freático ou águas superficiais). No Brasil isso se deve principalmente pelo fato de 86,4% dos municípios utilizarem os vazadouros a céu aberto (lixões) como forma de disposição de seu lixo (Santos, 1993, *apud* Sissino, 1995).

O vazadouro de lixo que Niterói hoje se utiliza (situado no Morro do Céu, Caramujo), começou como um lixão a céu aberto, e não está hoje muito diferente disso. Existia anteriormente à sua instalação, moradores neste local, que por diversos motivos, não tiveram voz. Queremos, com este trabalho, ajudar a reconstruir a história ambiental desta região, desde cinco ou dez anos antes da instalação da lixeira até os dias de hoje, através dos depoimentos dos diversos atores sociais envolvidos nesta construção. Há uma memória ainda viva nos moradores mais antigos, que vivenciaram e participaram de todas as etapas deste processo, de todas as lutas, protestos, reclamações, enfim, da busca da

¹ Lixão: Forma inadequada de disposição de resíduos sólidos, que consiste na descarga do material no solo sem qualquer técnica ou medida de controle; Aterro controlado: Sua implantação deve atender a critérios relativos ao afastamento de aglomerações urbanas, capacidade de infiltração no solo, distância de cursos d'água, direção predominante do vento, topografia, vida útil, etc.; Aterro Sanitário: Os resíduos são dispostos em terrenos impermeabilizados, compactados e recobertos por camadas de terra. Devem existir sistema para tratamento de chorume e drenagem de gases. Fonte: Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais (Lima-e-Silva, 1999)

cidadania e do seu direito, garantido hoje pela Constituição Federal¹, a um meio ambiente equilibrado.

Por outro lado, como pensam, ou como pensaram na época da instalação, os responsáveis pela lixeira? Quais os seus sentimentos em relação à população local? O que se faz hoje para aliviar o sofrimento da população do entorno? Procuramos entender as contribuições dos diversos atores sociais, evidenciando os conflitos, através da discussão sobre cidadania e o direito a um meio ambiente sadio.

Poucos são os estudos sobre esta região. Há alguns em relação à poluição Ambiental causada pelo chorume (Sisinno, 1995), outros abrangendo certa parte do Morro do Céu (Carreteiro, 1994). Procuramos desenvolver este resgate da forma mais abrangente possível, em respeito à memória de todos aqueles que viveram e vivem hoje, à beira de um lixão.

Desta forma, faz parte de nossos objetivos fazer também, uma ampla divulgação deste trabalho, entre o meio acadêmico, o poder público, e principalmente, entre os moradores da região, como uma forma de devolver a eles um pouco de sua história, de sua auto-estima, colaborando na construção da cidadania, ao trazer o tema para debates, na busca de possíveis caminhos para a solução dos problemas.

Objetivos Específicos:

- a) Reconstruir parte da História Ambiental da região do Morro do Céu, Caramujo, Niterói, desde cinco a dez anos antes da instalação da lixeira, até os dias de hoje;
- b) Entender as atuações e contribuições dos diversos atores sociais na construção desta História;
- c) Promover uma ampla divulgação dos resultados entre os moradores, a fim de lhes devolver a História que é deles e suscitar debates na busca de soluções para seus problemas.

¹ Art. 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Constituição Federal, 1988)

METODOLOGIA

A principal forma utilizada de resgate desta história foi o depoimento oral, em forma de entrevista parcialmente estruturada e não diretiva (Valle et al., 2000). Foram dezessete entrevistas e para cada uma elaborado um pequeno roteiro, o qual servia de base para a conversa, levando-se em consideração informações prévias sobre o entrevistado. Iniciávamos a conversa por um breve histórico pessoal, passando sobre como o entrevistado conhecia a área anteriormente à lixeira, passando para sua implantação, as lutas e protestos que houve e finalmente sobre a área hoje e seus problemas, discorrendo sobre alguns deles. Terminávamos perguntando se viam soluções para os problemas e quais seriam.

Cada entrevista durou cerca de uma hora a uma hora e meia, e utilizamos o recurso do gravador, sendo dito para os entrevistados que seus depoimentos seriam anônimos - em algumas entrevistas foram feitos apenas apontamentos escritos, sem gravação, seja por questão de tempo, oportunidade ou não autorização do entrevistado. Procuramos abranger o máximo de variantes possíveis dentro do quadro de pessoas envolvidas com a questão. Desta forma, foram ouvidas pessoas de todos os setores: moradores - tanto antigos quanto recentes, políticos, funcionários de todos os níveis da empresa de limpeza municipal responsável pelo lixão, associação de moradores, federação das associações de moradores, sindicato, trabalhos sociais atuantes na área, órgãos da prefeitura e Estado.

Utilizamos em alguns casos o recurso do questionário de perguntas abertas (op. cit.) e outros depoimentos escritos, quando não nos foi possível uma entrevista ao vivo, mesmo conscientes que este tipo de abordagem nos leva a perder dados e informações, por ser menos abrangentes do que uma entrevista.

Buscamos informações documentais, como em artigos de jornais e revistas, documentos e fotos pessoais, além de pesquisas universitárias sobre a região.

1 - DESCRIÇÃO DA ÁREA¹

Neste capítulo iremos descrever a área de estudo, para o qual utilizamos basicamente informações coletadas em literatura. Esta parte do trabalho é dividida em duas etapas: a primeira descreve separadamente vários aspectos da região do Morro do Céu, e a segunda descreve o vazadouro de lixo lá existente.

1.1 - O MORRO DO CÉU

1.1.1 - Localização e Características Geológicas

A região do Morro do Céu localiza-se em uma área dominada por colinas, com modelado suavemente ondulado, apresentando altitudes modestas, de 200 a 300 metros, sendo parte da encosta interna do maciço cristalino de Niterói. Distribui-se, além do bairro do Caramujo, pelos bairros de Ititioca e Viçoso Jardim.

A área original ocupada pelo vazadouro de lixo caracterizava-se pela presença de vales com declividade acentuada, hoje ocupados, na sua maior parte, pelo material depositado durante os anos de sua existência.

1.1.2 - Vegetação

O município de Niterói encontra-se dentro do domínio da Mata Atlântica. Atualmente a vegetação local, como em toda a cidade, está bastante descaracterizada, porém, apesar da interferência que vem sofrendo nas últimas décadas, a região ainda apresenta áreas de vegetação, do tipo *capoeirão*, sendo uma floresta secundária bem

¹ Fontes: Niterói Bairros, 1996 e Niterói, Perfil de uma Cidade, 1999

desenvolvida, com aspecto de mata virgem, altura mediana a alta e sempre-verde (Sisinho, 1995).

1.1.3 - Hidrologia

A região do Morro do Céu é uma zona de mananciais, sendo citada por Sisinho (1995) como necessária de ser protegida por lei. Existem córregos e nascentes na região, como a nascente do rio Mata-Paca, influenciados de forma direta ou indireta pelo lixão, que unem-se para formar mais tarde o Rio Sapê, que passa por São Gonçalo e desemboca na Baía de Guanabara.

1.1.4 - Ambiente

A principal fonte de degradação ambiental da região é o vazadouro de lixo do Município. Nota-se um crescente processo de degradação, destacando-se, entre os vários impactos negativos, a contaminação do solo e do lençol freático pelo chorume; a liberação de gases combustíveis, além de tóxicos; a mudança significativa do relevo e extinção da vegetação, contribuindo com a alteração tanto da drenagem superficial, quanto do microclima local; acúmulo de material junto às vertentes, favorecendo a ocorrência de processos de escorregamentos (deslizamentos); presença de vetores nocivos à saúde do homem; além da própria expansão que a área do vazadouro vem sofrendo, aumentando ainda mais sua proximidade com os moradores, comprometendo a qualidade de vida destes na mesma proporção.

1.1.5 - Serviços públicos existentes

Há um posto de saúde, onde funciona o programa “Médico de família”, que não é suficiente para a demanda da região, que se agrava pela localização do lixo, além da ausência de urbanização e saneamento básico.

Um Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), vinculado à Vigilância Sanitária, completa o quadro dos equipamentos públicos na área de saúde. O CCZ foi inaugurado em 1988, mas efetivamente ocupado em 1991.

Com relação à educação, existe a Escola Municipal José de Anchieta, de ensino fundamental, e a Creche Girassóis, destinada aos filhos dos catadores, que recebe alguma ajuda da Clin, da Fundação Municipal de Educação através do pagamento dos recursos humanos, além de doações particulares.

Há um projeto da Secretaria de Cidadania e da Ação Social, da Prefeitura, que hoje em dia está funcionando em um galpão cedido pela Clin, que tem como objetivo oferecer atividades para as crianças nos horários em que não estão na escola, para que não frequentem o lixão. Lá eles têm aulas de capoeira, dança, pintura, entre outras.

1.1.6 – Urbanização e saneamento básico

Há poucas ruas asfaltadas, com exceção da rua principal, que liga o Caramujo à Ititioca e outras poucas adjacentes.

Segundo informações da associação de moradores, a região recebe água encanada desde cerca de 1996, implantada pela CEDAE, hoje administrada pelas Águas de Niterói. Antes a população recebia água em carros pipas pela Clin. Porém, até uma certa altura, nas cercanias de Ititioca, a água não tem força para ir até as casas, serviço que é feito por uma bomba da própria associação. Não há rede de esgoto.

1.2 - A LIXEIRA

Por diversas vezes tentamos conseguir uma entrevista com a presidente da Clin e uma visita técnica ao lixão, mas não obtivemos resposta. Enviamos um ofício que passou por diversas mãos, mas mesmo assim, durante semanas tentando e ligando, não conseguimos. Conversamos uma vez há muitos meses com um engenheiro, mas as informações foram poucas e estão, de certa forma, devassadas pelas novas discussões, além de não nos ser dada permissão para fotografias. Nas matérias de jornais existem diversas e diversas fotos, onde aparecem várias pessoas. Ficamos sem ter respostas para a nossa recusa. Talvez se nos apresentássemos como repórteres...

Assim, as informações que damos a seguir foram conseguidas através do *site* da empresa na *internet*¹. Porém, a informação que encontramos em tal fonte diz que os

¹ <http://www.clin.rj.gov.br/> - 28 de julho de 2001

resíduos são recobertos por uma camada de saibro, mas não dizem a frequência, a qual nos parece não ser a ideal, como discutiremos mais tarde.

“Desde 1983, o destino final do lixo coletado em Niterói é o Aterro do Morro do Céu, no bairro do Caramujo. Lá, os resíduos são espalhados, compactados e, finalmente, recobertos com uma camada de saibro. Por dia, chegam ao Aterro em média 470 toneladas de detritos. Só em 1995, foram despejados no Morro do Céu 209.887 toneladas (99.183 de lixo domiciliar; 5.435 de lixo de varrição de praia e 65.269 de outros detritos). Com 200 mil metros quadrados, o Aterro está a sete quilômetros do Centro da cidade, com distância média de 12 quilômetros dos Distritos de Limpeza, ficando a menos de 20 quilômetros da área mais remota da cidade. É considerado, portanto, economicamente adequado à finalidade à qual se destina. As fortes declividades do terreno original auxiliam no confinamento dos resíduos. Está previsto que o Morro do Céu deverá receber uma usina de reciclagem, trituração e compostagem natural de resíduos sólidos domiciliares, incineração de lixo hospitalar e investimentos para a recuperação do Aterro e projeto específico para o lixo orgânico e rejeitos da Usina”.

Obtivemos também alguns dados, um pouco diferentes, em uma publicação da Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente (Niterói, 1992):

“O vazadouro de lixo do Morro do Céu possui uma área de aproximadamente 80.000 m², na localidade do Caramujo, exatamente na nascente do rio Guaxindiba que, por sua vez, deságua no manguezal de Guapimirim, que é uma Área de Proteção Ambiental (APA). Estima-se que no município de Niterói, onde cerca de 87% da população é servida de sistema de coleta de lixo, sejam gerados cerca de 550 ton/dia de resíduos sólidos. A produção de Chorume pela carga de 550 ton/dia é da ordem de cerca de 40m³ ao dia. Todo esse material poluente (que equivale à poluição por esgotos de uma população de 13.000 pessoas), antes de atingir à Baía de Guanabara, infiltra no solo e contamina rios – alguns dos quais eventualmente utilizados pela população para irrigação de hortas, dentre outros usos – atingindo o lençol freático.”

Nota-se que no Diagnóstico Ambiental de Niterói, de 1992, a área do aterro é citada como 80 mil m², enquanto na informação recente da Clin, este tem 200 mil m². Isto se deve, muito provavelmente, às expansões a que o aterro já sofreu. Além disso, a quantidade de lixo dita pela Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente é na ordem de 550 toneladas/dia, enquanto no *site* da Clin é de 470 toneladas/dias e em entrevistas foram citadas cerca de 700 toneladas.

Apenas como informação adicional, o Chorume é um líquido formado pela percolação da água através do lixo, dissolvendo componentes orgânicos e inorgânicos e produtos em decomposição, sendo um líquido altamente poluente e de complexa composição (Sisinno, 1995).

2 - O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO

Nesta parte da monografia tivemos como objetivo a descrição da História Ambiental do Morro do Céu e as mudanças ocorridas na região com a instalação do lixão de Niterói. Esta etapa está dividida em quatro partes: a primeira em como era a área antes da instalação do vazadouro de lixo; a segunda sobre o processo de instalação do mesmo, com discussões sobre a política envolvida neste processo e sobre a legislação pertinente ao assunto; a terceira sobre a situação da área hoje e as conseqüências trazidas pela lixeira; e a última em relação às possíveis soluções para os problemas, apresentadas pelos atores sociais envolvidos, etapa na qual também propomos ações a serem desenvolvidas e descrevemos um plano de ação a ser implantado pelos próprios autores deste trabalho.

2.1 - A ÁREA ANTES DA LIXEIRA

A área antes da implantação da lixeira era uma região de colinas, apresentando vales recobertos por vegetação. Havia a predominância de sítios, com casas esparsas. Não havia saneamento, asfalto ou qualquer beneficiamento do poder público. Em todos os depoimentos, a descrição daqueles que a conheciam anteriormente é sempre a mesma: uma área verde, muito arborizada (como ainda o é em certos trechos), com muitos animais - referem-se tanto aos de criação, com patos, bois, galinhas, como os silvestres: lagartos, cobras, micos, pássaros diversos, inclusive sendo citado a ariranha - árvores frutíferas, com muitos recursos naturais.

Isso pode ser vislumbrado através das lembranças, algumas ainda vivas, das pessoas que conheceram o local. As expressões são bem diferentes, refletem sentimentos diferentes, de acordo com a pessoa que a pronuncia. Algumas vêm acompanhadas de sentimento, de boas lembranças, outras apenas constatando um fato. As falas dos moradores são muitas vezes pausadas, entremeadas de silêncios e olhares distantes. Daquelas que não habitavam o local são diretas, vão direto ao ponto, sem saudosismos.

Como em uma passagem, na qual perguntamos a um representante do poder legislativo de Niterói, que tem bastante conhecimento e envolvimento com a situação, se existiam muitos habitantes na época. Entre uma pergunta ou outra, obtivemos um depoimento da sua visão do local¹.

Este pequeno trecho da entrevista mostra um conhecimento da área original, porém dito com distanciamento e frieza de um fato já consumado; a visão de alguém que conheceu o local anteriormente, mas não vive lá, não acompanhou diariamente as mudanças ocorridas e não sofre hoje com as lembranças e os problema provenientes do lixão.

Em termos de comparação, temos certas frases de uma entrevista feita com três moradores, dois deles morando na área há mais de trinta anos. O enfoque e o envolvimento com a situação são outros, completamente diferentes em seus tons de voz, sentimentos e lembranças.²

A fala é pausada, o olhar por vezes distante, como se procurando algo na memória. Nota-se a tristeza pela perda, ou pela mudança ocorrida na região em que moram há décadas. Percebe-se também, um profundo pesar pela perda das águas da área. A água, nestes recortes, é uma palavra citada seis vezes, três delas em uma única frase. Parece algo particularmente dolorido a poluição das águas da região. Com certeza, é pela percepção de pessoas que não têm água potável disponível, um local onde a água que chega é controlada. Situação que não existia antes da lixeira, e que eles um dia puderam testemunhar.

Um dos entrevistados olhava para o alto a cada pergunta, tentando relembrar fatos e imagens. Se emocionou e chorou ao relembrar como era aquele lugar antes da lixeira: os sítios que havia, os amigos que tinha, as frutas que pegavam no pé. Nesta entrevista pode-se entender um pouco o que um lixão faz com uma comunidade. Emoções de quem mora na região há 38 anos, acompanhou todo o processo, e hoje vive ao lado de toneladas de lixo.

¹ “Não tinha muita gente... ali tinha muito sítio. / Era distante uma casa da outra. Era um local muito agradável né, era um local muito bonito. / Muito arborizado! Como aquela área toda.”

² “Ali era uma buracada danada. / Era (.....) boi, cavalo... tinha tudo” // “Tinha.... tudo. A água lá (.....) vou contar a você (.....) água a vontade! / Tinha.... não faltava água!” // “Não... aquilo dali era mato. Era uma mata só. De um lado a outro.” // “... tinha jaca, mexerica, manga, tudo...” // “Era muito bom aí (.....)” // “Mais de 300 metros de altura era isso aí...” // “Mais de 300 metros. Água potável! Água potável!” // “Aqui era um cristal d’água! É brincadeira!”

A Escola Municipal José de Anchieta foi inaugurada em 1977, portanto antes da lixeira, e as lembranças das pessoas que trabalham lá desde esta época não são diferentes. O terreno da escola foi doado por uma antiga moradora da região (que vive lá até hoje), que era dona de um grande sítio que foi loteado. A escola começou com turmas pequenas, atendendo apenas até a 4ª série e hoje atende da alfabetização até a 8ª série. Com o passar dos anos e o crescimento da região, até as relações dos alunos com a escola mudaram¹. A região toda era utilizada para passeios e pequenas excursões com os alunos², atividades hoje difíceis, senão impossíveis de realizar.

O Morro do Céu é uma região em que existiam muitos poços e nascentes (e ainda existem alguns)³. Estes foram citados várias vezes em entrevistas, como uma prova de como era a área, de como era rica em seus recursos naturais, especialmente a água. Embora seja uma zona de mananciais que, inclusive, segundo Sisino (1995), deveria ser protegida por lei, hoje as águas da região estão poluídas, não sendo potáveis, como esta mesma autora atesta em seu trabalho¹. A nascente de um córrego, que irá formar o rio Mata-Paca, segundo um dos casais mais antigos da região, situava-se exatamente no vale onde está hoje todo o lixo, sendo soterrado por este. Segundo este mesmo casal, os poços que existiam estão fechados, porque não há mais condições de utilizar aquelas águas.

Uma fala de um representante do executivo diz tudo a respeito de como era antes da lixeira a região: “...o Morro do Céu antigamente era um lugar muito bonito... é por isso que tem esse nome: Morro do Céu.”

2.2 - IMPLANTAÇÃO DA LIXEIRA

Com o término da vida útil do lixão de Viçoso Jardim (bairro adjacente ao Morro do Céu), que recebeu o lixo de Niterói por 15 anos, a prefeitura se viu na incumbência de providenciar outra área para este fim. Era 1981, governo de Moreira Franco. Um aterro sanitário para Niterói e São Gonçalo no bairro do Engenho Pequeno, localizado neste último município foi projetado pela FUNDREM (Fundação para o

¹ “Tranqüilidade... as crianças eram outras... havia um respeito pela escola...”

² “Passeávamos por aqui tudo, tinha muita mata, passava um rio aqui atrás de águas límpidas, tinha areia, muitos pássaros, os micos vinham brincar aqui dentro...”

³ “Até, havia, até muito recente, não tem muito tempo isso, depois da Eco 92, ali na entrada do Morro do Céu uns poços, uns 8 ou 10 poços onde as pessoas pegavam água com a lata, assim, no poço”

Desenvolvimento da Região Metropolitana - atualmente extinta) com consultoria da COMLURB (Sisino, 1995). Houve uma precipitação por parte do então prefeito de Niterói, descrito em entrevistas pelo representante do executivo² e do legislativo³. Pelo jeito, uma precipitação, uma antecipação das coisas fez com que a população local acordasse para o que estava sendo feito e rejeitasse a presença do futuro aterro no local. Vários entrevistados citam essa expulsão, inclusive os próprios moradores do Morro do Céu⁴.

Pode-se perceber nestas falas o distanciamento de quem não corre o risco de morar ao lado do um lixão, de ver seu bairro invadido por montanhas de lixo: “...a população não estava preparada pra isso...”. E o que é uma população estar preparada pra isso? Deve se preparar antes uma população para conviver com montanhas de lixo e todos os inconvenientes que isso traz? Como se prepara uma população para este destino? São perguntas para as quais não temos ainda respostas.

Em relação à esta “preparação”, a população do Morro do Céu estava “preparada”? Antes de pensar em “preparar” uma população, o governo não deveria se preocupar em preparar o terreno para receber o lixo? Impermeabilizar, drenar, ter argila ou outro suficiente para aterrar o lixo, para que este não venha a trazer os problemas que vem causando? Parece que a prefeitura que iniciou este processo e as demais que se seguiram não pensaram nisso.

Não tendo mais a opção de São Gonçalo, a partir de 1982 (Sissino, 1991, apud Sisino, 1995), passou-se a vazar o lixo em um local já existente para este fim, o Aterro Metropolitano de Gramacho, em Duque de Caxias. Porém o transporte ficava caro a ponto de inviabilizar esta operação, pois este é um dos maiores custos com a limpeza urbana (informação coletada em pesquisa).

Houve a mudança na prefeitura nesta época, sendo agora prefeito Waldenir Bragança, que ficou com a responsabilidade de arrumar outro local para depósito de lixo.

¹ “As águas subterrâneas estão em desacordo com os padrões de potabilidade (Portaria N° 36 do MS), pois todas as amostras estão contaminadas com organismos do grupo coliforme.”

² “Ali no Engenho Pequeno, foi um alarme falso. Estavam fazendo uma senhora estação de tratamento, mais moderna do mundo. Aí o Moreira Franco descobriu, fez um comício não sei aonde aí, prometendo: ‘solução pro lixo de Niterói já tem. Vai pra São Gonçalo!’ A reação do povo de São Gonçalo foi tão violenta... que não chegou lá nem um caminhão! E está abandonado até hoje lá o terreno. Tá abandonado. Ele foi o responsável.”

³ “... Só que Moreira Franco era prefeito na época, ele precipitou a transferência pra lá, e a população do Engenho Pequeno não estava preparada para isso e recusou o lixo de Niterói...”

⁴ “Não botaram porque nego não deixou...”

Escolheu-se então, no final de 1983, a área do Morro do Céu para ser o vazadouro de lixo de Niterói.

Diversos motivos levaram a escolha deste local como área para o lixão de Niterói. Diante desta pergunta, as respostas foram quase unânimes: havia pouca gente¹ e não viam outro lugar, embora não se tenha uma explicação definitiva, o que nos demonstra o representante do legislativo, em sua resposta evasiva². O fato é que o prefeito tinha que arrumar um local, pois levar para Gramacho estava sendo caro demais. A área escolhida foi em um bairro pobre, no alto de um morro, dentro de um vale (tendo assim muito espaço para colocar o lixo), e onde viviam poucas pessoas, um local de muito sítio, com casas espaçadas. Desta forma, mesmo com protestos, seria muito mais fácil fazê-lo.

A prefeitura fez as devidas desapropriações, iniciando por uma propriedade apenas, um sítio, e com o tempo realizando outras em torno, para expansão. Este sítio inicial é citado como sendo de uma senhora de nome Lídia. As pessoas mais antigas, que também tinham sítios no local, referem-se a ela com certa raiva e rancor por ter cedido as suas terras para a prefeitura. Não pudemos saber como se deu a transação, porém, segundo os diversos relatos, a área foi desapropriada, o que a fez sem opção, pois o Poder Público pode desapropriar qualquer bem de propriedade privada e torná-lo propriedade pública, desde que se enquadre em dois casos definidos por lei: utilidade pública e interesse social (Neves & Tostes, 1992), o que parece ser o caso.

Os moradores, porém, citaram o fato de a dona do sítio ter “oferecido” a área para o prefeito Waldenir Bragança, instalar o lixão, “*se vendido*” a ele³. Daí a raiva que expressam, porque, segundo um casal, “*ela ganhou muito dinheiro, muito dinheiro*”, e “*nunca mais apareceu*”, sendo citada várias vezes como a causadora disso tudo e a culpada pela lixeira existir ali⁴. Outro morador citou a palavra “*complô*”, para se referir a esse episódio, o qual não é totalmente claro. Uma das pessoas que na época lutou e liderou movimentos contra a lixeira contou que esta senhora, dona do sítio original, inclusive lutou

¹ “Havia pouca população na época” / “Porque era a área menos habitada de Niterói” / “Morava menos (sic) pessoas ali, a verdade é essa” / “A população local é que não queria, mas era pequena...”

² “Teve muita briga com a comunidade, mas era uma situação de emergência do município, entendeu? Não tinha onde colocar o lixo, teve que colocar lá.”

³ “Ah, isso é que eu não sei (*porque aquela área foi escolhida*)... AAAAAAh, sabemos sim! Foi a sitiante Lídia que ofereceu, não é?, pra fazer a lixeira ali, pro dr. Waldenir Bragança” (*de princípio havia errado o nome dela*)

⁴ “É ela que fez isso, e foi de surpresa, foi de surpresa. (.....) Foi ela que fez isso. Quando nós soubemos já estava assim, aí fomos embarcar tudo, mas... / Que a Lídia que ofereceu ao Waldenir Bragança e... botou essa

a favor, incitando os catadores que lá se instalaram a fazer o mesmo, o que será melhor discutido mais a frente. Parece que a atuação da dona do sítio onde se instalou a lixeira foi fundamental para que esta se fixasse no local.

Com a necessidade de expansão, algumas casas foram sendo desapropriadas e construídas outras em outro local, na mesma região, o que ainda vem acontecendo. No momento, a Clin está construindo cerca de 36 casas para abrigar famílias desapropriadas, porém, neste assunto há desmentidos, não podendo saber se haverá de fato a remoção. Quanto a área ser, na época, rica em vegetação e “*ambientalmente nobre*”, esta não era uma preocupação real, principalmente porque nem legislação específica existia (assunto abordado mais adiante).

Diversos moradores foram citados nas entrevistas como tendo lutado contra a instalação da lixeira, inclusive alguns dos entrevistados. Percebe-se hoje entre alguns, porém, um discurso de aceitação pela presença do vazadouro¹, ao mesmo tempo que há falas de indignação² e relatos sobre pessoas que, na época, aceitaram o lixo, ou pelo menos não lutaram contra, e hoje estão arrependidos³. Isso demonstra, ao nosso ver, os sentimentos ambíguos em relação à lixeira. De um lado trouxe uma série de problemas, de outro, os argumentos utilizados para sua instalação e continuação são fortes, e a presença da lixeira trouxe uma fonte de subsistência direta para diversas famílias, além de certos benefícios, como posto de saúde, creche, asfalto.

2.2.1 – Lixão e Política

Buscando nas falas de nossos entrevistados os pontos de argumentação utilizados pelo poder público, vemos ser muito recorrentes argumentos do tipo “cada um tem que tratar de seu lixo”, ou “não temos outra escolha”. Discurso curiosamente hoje utilizado pelos próprios moradores como forma de se conformar com a situação, porque

lixeira aqui. E depois ela acabou escurraçada daqui e nem veio mais aqui nem nada. E nós acabamos com a lixeira.”

¹ “Aí mas nós falamos, mas não adiantou, ficou por isso mesmo... continuou acabou.” // “E se a lixeira muda pra cá? E se chegar lá perto de casa? Aí meu irmão, vou ter que sair! Agora, quero a minha (*casa*) no lugar que eu quero!” // “O que se pode fazer... mudar não muda! Sair de onde tá não sai!” // “A comunidade tá consciente disso, que ela não vai sair mais daqui. Queira ou não queira ela não vai sair.”

² “O pessoal tá mais conformado com a tal da usina... / Não estão conformados com a lixeira! Eu por exemplo sou contra! Desvaloriza a área, traz problemas respiratórios, cheiro horrível...”

³ “Tinha muita gente de acordo com a lixeira e só veio sentir agora...” //

mesmo não querendo a lixeira ali, parece que estes argumentos os fizeram ceder¹. Um dos participantes da luta contra a lixeira, descreve inclusive, que houve algumas discussões com um secretário, responsável pelo projeto, que utilizou este tipo de discurso², embora, segundo o mesmo entrevistado, “os moradores não queriam a lixeira lá, ela foi imposta”, mas “o que eles diziam era o seguinte: ‘Nós produzimos o lixo, vamos botar na casa de quem? O lixo é nosso’ E então todo mundo calava a boca. Ninguém falava mais”. Estas frases dão clareza em que base se resumia a discussão. Um povo quase rural³, em pequena quantidade, sendo obrigados a aceitar a produção de lixo de toda uma cidade, porque “o lixo é nosso”.

Mesmo participando das lutas, diversas pessoas, na época, deram o braço a torcer ao encararem este tipo de contra-ataque. De outra ponta, havia a argumentação de que Niterói não tem outro local disponível para se fazer um aterro, sendo esta verdade repetida várias vezes nas entrevistas⁴. Estes argumentos, de que cada município tem que tratar de seu lixo e Niterói não tem outro lugar disponível, são utilizados até hoje nas discussões que existem sobre este problema.

Outro tipo de barganha utilizado na época foram as benfeitorias que a prefeitura fez no local. Foram poucas as melhorias, mas elas foram e são ainda utilizadas como medidas compensatórias pelo poder público, como uma espécie de “troca”. Por exemplo, segundo um engenheiro da Clin, até 1997, aquela região não era pavimentada, o que a Clin fez em certas áreas. Com certeza também em benefício próprio, por ser aquela uma região alta, e a empresa opera caminhões com toneladas de lixo. Uma rua não asfaltada dificulta em muito o seu trabalho, sendo inclusive, este fato citado em entrevista do representante da Federação¹. Este, ao ser perguntado se conseguiram, na época, alguma contrapartida da prefeitura, a resposta veio direto: “*Não, nada! Praticamente nada!*”

Como vemos, a questão das benfeitorias no local é bastante contraditório, porque, apesar de ter sido feito algumas coisas, como uma linha de ônibus regular (mas deficiente), asfalto em algumas poucas ruas, a creche, o posto de saúde, e outras coisas,

¹ “A comunidade não é contra! A comunidade já tá consciente que... qualquer área vai... vai ter um aterro...”

² “Na época, houve algumas discussões com... com o Secretário, mas ele dizia que não podia mudar que aí, que o lixo era nosso, nós tinha que ter um lugar pra botar ele. Os outros municípios não aceitavam.”

³ “A comunidade aqui não conhecia nem prédio em Icaraí, pra tu ter uma idéia!”

⁴ “Fomos solidários lá com eles, mas por outro lado também, reconhecemos que não tinha outro lugar pra colocar” / “Na hora que acabar esse aterro, Niterói não tem onde colocar seu lixo” / “...mas pra onde vai esse novo lixão, ninguém sabe”

quase todos têm o mesmo discurso de que a região merecia mais, pelos transtornos com que é obrigada a conviver. É interessante a fala do representante do legislativo². Esse “convencimento” da população foi feito com aqueles argumentos já descritos. A “troca” de algumas poucas coisas pelo recebimento do lixo foi descrita pelos moradores como uma ilusão³. Mesmo com a fala entrecortada, um pouco confusa (como foi algumas vezes durante a entrevista), pudemos perceber o jogo da prefeitura com os moradores. Uma antiga participante da luta contra a lixeira citou o fato de que muitas pessoas foram a favor pensando nas benfeitorias que a região iria receber, mas quando viram os primeiros caminhões entrando e despejando lixo seguidamente, começaram a perceber a dimensão do problema, sentiram-se enganados por não receberem o prometido e iniciaram os movimentos para a expulsão.

O representante do poder executivo, antes mesmo de ser perguntado, nos primeiros minutos inicia a sua entrevista com a defesa do atual governo, do qual faz parte⁴, embora suas falas mais tarde, sejam de críticas ao que a região vem recebendo de apoio⁵. Sem atacar diretamente a atual prefeitura, demonstra insatisfação com as políticas para a área, criticando as poucas melhorias que a região e seus moradores tiveram até agora⁶. Se mostra, inclusive, muito contrário à posição da creche Girassóis, uma das “bandeiras” sociais da Clin⁷ que, porém, é mantida por diversas fontes.

¹ “Não tinha pavimentação, não tinha nada, era estrada de chão mesmo. O dia que chovia o caminhão não subia não.”

² “Porque a população local reagiu, não tava de acordo, etc. Mas aos poucos ela foi convencida de que... de que... de que era uma necessidade da cidade. E prá isso o governo municipal na época, quis fazer a parte dele... e colocou lá algumas benfeitorias para comunidade. Estender a linha de ônibus até lá em cima... Tinha algumas promessas do governo municipal da época. É... eu acho, eu tenho esta avaliação de que, na verdade, a prefeitura de Niterói deve muito à população do Caramujo, em especial à do Morro do Céu. Era para ser feito mais benfeitoria lá do que fizeram. Muito mais! Porque é aquela população que sofre o sacrifício de ter que suportar por ali caminhões, mau cheiro, essas coisas.”

³ “... aí o pessoal aqui, era uma região, tipo um... como é que se diz?... tipo uma área urbana mas rural ao mesmo tempo... / ... então nunca tinha ganho... tido os benefícios que os órgãos, municipal... ou... não vem ao caso, deu um respaldo... entendeu? Aquilo... aí o pessoal se iludiu. Alguns se iludiu.”

⁴ “Bom, o que se fez ali de melhorias? Quem tem feito melhorias ali, mesmo sendo considerado pequeno, é a prefeitura de Niterói, através do prefeito Jorge Roberto da Silveira. Agora que entrou o estado montando uma usina de reciclagem e uma outra de incineração de lixo hospitalar.” // “Mas antes, quando montaram a creche, me parece que ninguém passou pro prefeito “ó, vai ficar encostadinho no lixão”

⁵ “Aqui eu não tenho nenhuma crítica, assim, a este ou aquele prefeito. Estou criticando quem não fez nada de 83 até hoje!”

⁶ “Pelo que eu vi... pelo que eu vi, as benfeitorias que a prefeitura fez lá em cima, foi colocar, essa creche, ao lado do lixão, para os filhos de catadores de lixo. E do outro lado, um... uma casa lá dizendo que é “Projeto Cidadania Chico Mendes”. Que também recebe os efeitos do lixão. Tá do outro lado da rua! Mas o lixão contamina aquilo tudo. Então isso aqui, pra mim, é uma maneira de empurrar com a barriga, uma maneira de enganar”

⁷ “O lixo está encostado em uma creche. Chamam de creche, mas eu acho um depósito de crianças.”

Como visto, e demonstrado nas falas dos diversos entrevistados, as benfeitorias feitas no local serviram apenas como um paliativo e como forma de barganha com a população. Nos parece um caso de clientelismo, em que utiliza-se os problemas trazidos pela lixeira e a carência de recursos básicos da população para ir “*empurrando com a barriga*” a lixeira, em troca de algumas poucas benfeitorias. Isto fica bem claro nas palavras um tanto amarguradas, porém sábias, de um morador, que as diz no final de sua entrevista, em tom mais baixo e pausado do que o habitual: “... *A comunidade... ela necessita! Ela nem pensa mais. Tudo que acontecer aqui... de bom, é uma realização. Se for de ruim... se for coisa ruim, eles já estão acostumados.*”

Cabe citar que, depois que já estava o fato consumado, ou seja, a lixeira já estava sendo iniciada, continuaram e aí realmente intensificaram-se os protestos e tentativas de retirada, em que vários nomes de moradores foram citados, havendo passeata, mobilizações, reportagens em jornais, fechamentos dos acessos à área. Conta-nos um morador antigo da região, que aos primeiros carregamentos, eles fechavam as entradas, tanto pelo lado do Caramujo quanto pelo lado da Ititioca. Desta forma impediam a entrada dos caminhões com lixo, tendo o apoio da polícia (pois embora presente, segundo ele, não estavam contra) e de várias outras associações de moradores, como a de Icaraí, Ingá, a federação das Associações, a do Viçoso Jardim e da rua São José, rua esta que, segundo relatos, sofre conseqüências da lixeira a nível de odor por causa dos ventos. Este recurso, porém, foi sendo minado aos poucos, primeiro porque “*não podia ficar 24 h vigiando*”, os caminhões foram entrando e despejando sua carga, depois, porque havia pessoas que queriam que a lixeira ficasse¹.

Nesta época, a região já estava recebendo o ingresso dos catadores - pessoas que vivem no lixão, à cata de materiais recicláveis para vender, objetos para suas casas e até alimento para consumo da família. Estes, por de lá retirarem seu sustento, foram a favor da manutenção do lixo naquele local, havendo, inclusive, embate com os moradores que queriam a expulsão. Um episódio é citado por um participante da federação das Associações, em que “*quem foi na passeata lá que disse que ia acabar com a lixeira foi apedrejado, foi expulso de lá*”. Nessa luta, parece que, além do poder público não dispor de outro local, os catadores tiveram mais força que os moradores, além de terem a cumplicidade da dona do sítio, dona Lídia. Isso é argumentado pela pequena quantidade de

morador na época, e o grande número e a grande força dos catadores². Outros moradores se referiram às “pedradas” que levaram, porém sem saber se vinham dos catadores ou não³, o que nos parece que sim, pois ele afirma que os moradores que queriam a lixeira ou não se importavam com ela, simplesmente não participavam das manifestações. O fato é que havia pessoas que não queriam que a lixeira saísse mais de lá, inclusive moradores. “Cerca de 50%”, segundo um morador, achava que seria uma vantagem a instalação da lixeira, pois levaria um pouco de “urbanização” para a região; asfalto, posto de saúde, ônibus, etc. De acordo com este mesmo morador, hoje eles estão arrependidos. Parece que, segundo ele, se tratou de uma ilusão, como já referido anteriormente por outro entrevistado. Dentre essas pessoas que queriam a lixeira, deu-nos a entender, que havia quem tirasse proveito de alguma forma, por isso, foi a favor⁴.

2.2.2 – Lixão e Legislação

Como já citado sendo um de nossos direitos na Constituição Federal, o direito a um meio ambiente sadio também está presente na Lei Orgânica do Município de Niterói⁵. É necessário então, procurarmos responder a questão: o que é o Meio Ambiente?

Diversas definições são encontradas na literatura (Lei 6938, 1981; Neves & Tostes, 1992; Lima-e-Silva et al., 1999; Velasco, 2000, entre outros). Em todas elas, o meio ambiente é entendido não como, apenas, o meio natural, intocado, um pedaço da Terra onde a natureza é separada do homem, mas como qualquer espaço, mesmo onde há a interação com o homem, suas modificações ao meio, sua cultura, pois devemos notar que a espécie humana é mais uma espécie fazendo parte do conjunto das espécies vivas da Terra (Velasco, 2000).

Esta concepção de meio ambiente inicia-se tempos atrás, como atesta Pierre George em seu livro “O Meio Ambiente”, 1973: *“quando se fala em meio ambiente, hoje*

¹ “Depois teve que esfriar, porque você não encontrava apoio. Não formam todos os moradores, muitos eram a favor.”

² “... porque eram poucos também né? (morador)... Mais era catador. Porque os poucos morador que moravam ali eram muito pouco mesmo. Era casa distantes uma da outra, não era muito próxima não”

³ “Levamos muita pedrada”

⁴ “Os moradores, uma parte... uns não queria, outros que já tinha acertado alguma coisa, né, com as autoridades, queria que ficava.”

⁵ Lei Orgânica Municipal, Art. 316 - O Município assegurará a todos o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida, bem como fará observar o dever constitucional de preservá-lo.

em dia, já não nos estamos referindo propriamente ao meio circundante ativo e receptivo, mas sim aos efeitos de determinados tipos de civilização agindo sobre este mesmo meio.” E ele mesmo lança a dúvida, que hoje parece não mais existir: *“Não estamos ampliando demais o campo do assunto quando qualificamos de meio ambiente todo meio que se comporta como agente e paciente diante da presença humana?”*

Um bom exemplo da visão de hoje está em Neves & Tostes, 1992¹, o que demonstra que a busca por um meio ambiente equilibrado, passa pela qualidade do local onde vivemos, incluindo-se aí moradias dignas, água de boa qualidade, coleta e tratamento de esgotos e lixo, lazer, livre acesso à cultura, à educação, aos esportes, entre outros fatores relacionados à qualidade de vida.

Quanto ao licenciamento da operação pelos órgãos competentes, há controvérsias. Segundo um engenheiro da Clin, a lixeira havia aberto antes desta data (1981), fechado, e só em 1983 conseguiu legalização da FEEMA. Em notícia do jornal O Fluminense, do dia 15 de julho de 2001, o promotor Marcelo Buhatem diz que o local é *“completamente ilegal e não tem autorização da Feema para funcionar”*. Infelizmente, não conseguimos receber esta informação da Feema, pois as diversas vezes que tentamos estabelecer contatos, seja telefônicos, seja pessoalmente, sugeriam que falássemos com outras pessoas, que deveriam saber mais sobre o caso, mas que nunca se encontravam, ou estavam em reunião, ou estavam viajando de férias.

Vale ressaltar que nesta época não havia uma legislação que obrigasse a um estudo de impacto ambiental ou maiores preocupações com o meio ambiente. A Constituição Federal só foi promulgada em 5 de outubro de 1988, e nesta vem a obrigação de um estudo prévio de impacto ambiental para atividades potencialmente degradantes². Logo após esta citação, vem uma referência à Lei n. 6.938, de 31/08/1981 (Política Nacional de Meio Ambiente), portanto, anterior ao licenciamento e inauguração deste lixão. Porém, os artigos que obrigam a um licenciamento do órgão estadual competente³ e

¹ Meio ambiente é **tudo** o que tem a ver com a **vida** de um ser...ou de um grupo de seres vivos... os **elementos físicos...**, os **elementos vivos...**, **elementos culturais...**, e a **maneira** como esses elementos são tratados pela sociedade. Compõem também o meio ambiente **as interações** destes elementos entre si, e entre eles as atividades humanas.

² “Exigir (*o Poder Público*), na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;” Inciso IV, Parág. 1º, artigo 225 (Constituição Federal)

³ Art. 10 – A construção, instalação, ampliação e funcionamento de estabelecimentos e atividades utilizadoras de recursos ambientais, considerados efetiva e potencialmente poluidoras, bem como os capazes, sob qualquer forma, de causar degradação ambiental, dependerão de prévio licenciamento de órgão

a um Estudo de Impacto Ambiental¹ só são regulamentados mais tarde, em 1989 e 1990, respectivamente. Desta forma, a luta para a não instalação e pela expulsão da lixeira não estava amparada judicialmente, mas apenas amparada no desejo de preservação do seu local de moradia.

Analisando o Plano Diretor de Niterói, elaborado no decorrer dos anos de 1991 e 1992 pela Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente, vemos que, desde aquela época, já estavam previstos a coleta e a disposição final do lixo em todo o município obedecendo a critérios de controle da poluição e minimização de custos ambientais, com vistas à recuperação do ambiente degradado nas circunvizinhanças do Morro do Céu e a instalação de usinas de reciclagem, tanto neste aterro, quanto na Região Oceânica². Além disso, no Diagnóstico Ambiental de Niterói (Niterói, 1992), realizado pela mesma secretaria supra citada, após discorrer sobre o vazadouro de lixo do Morro do Céu, refletiu-se sobre a importância de se implantar usinas de tratamento do lixo: *“Diante desse quadro, a alternativa que melhor se ajusta às condições locais é a implantação de uma Usina de Tratamento...”*

Vemos então, que o próprio Plano Diretor e outras recomendações de sua Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente estão sendo ignorados, pois cerca de 10 anos após suas elaborações, nada foi feito para recuperar o ambiente degradado das circunvizinhanças do Morro do Céu. Além disso, as usinas que estão sendo construídas, somente tiveram seu início em 1998, sendo financiadas pelo PDBG (Programa de Despoluição da Baía de Guanabara) e pelo Governo do Estado, mas que até hoje não tiveram suas construções concluídas, além de terem outros problemas, como atesta uma reportagem do jornal O Dia, saída em 1º de julho deste ano (Medeiros, R., 2001). Esta afirma que as obras estão paradas desde 1999, sendo retomadas há cerca de um mês.

estadual competente, integrante do Sistema Nacional do Meio Ambiente – SISNAMA, e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, em caráter supletivo, sem prejuízo de outras licenças exigíveis” * Artigo com redação determinada pela Lei nº 7.804, de 18 de julho de 1989.

¹ Art.8 – “Compete ao CONAMA: II – determinar, quando julgar necessário, a realização de estudos das alternativas e das possíveis consequências ambientais de projetos públicos ou privados, requisitando aos órgãos federais, estaduais e municipais, bem assim a entidades privadas, as informações indispensáveis para apreciação dos estudos de impacto ambiental, e respectivos relatórios, no caso de obras ou atividades de significativa degradação ambiental, especialmente nas áreas consideradas de patrimônio nacional;” * “Caput” com redação determinada pela Lei nº 8.028, de 12 de abril de 1990.

² Plano Diretor de Niterói - Art. 70 – “A coleta e disposição final do lixo em todo território municipal deverá obedecer a critérios de controle da poluição e de minimização de custos ambientais e de transportes, observando as seguintes diretrizes: I – avaliação do impacto sobre a circunvizinhança do aterro do Morro do Céu, com vistas à recuperação do ambiente degradado; II – Instalação de usinas de reciclagem e compostagem no aterro do Morro do Céu e na região oceânica;”

Todavia, segundo a Dayse Monassa, presidente da Clin, a usina para incineração de lixo hospitalar está construída na área de expansão do aterro, e ela ameaça enterrar a usina, o que saiu em algumas notícias de jornal, como nesta mesma reportagem acima citada: “*Ou o Estado remove a usina hospitalar para uma área mais compátivel, ou vou acabar enterrando a usina*” (op cit.) e em O Fluminense, 15 e 16 de julho de 2001 (Medeiros, S., 2001).

Em outra reportagem, no jornal O Fluminense, de 6 de julho deste ano (Arruda, 2001), o secretário regional do Caramujo, Edgar Folly, afirma que as obras estão paradas desde dezembro de 1988, enquanto a superintendente da Secretaria Adjunta de Saneamento e Recursos hídricos do Estado, Elizabeth Lourenço, afirma que o momento é de transição (de uma secretaria a outra), mas os projetos não estavam abandonados nem parados. Como se vê, os problemas não são de fácil solução.

2.3 - A ÁREA HOJE

2.3.1 – Benfeitorias?

Hoje o Morro do Céu, segundo as informações que coletamos, é em resumo, uma área carente de urbanização, saneamento, acesso, entre outros serviços básicos, e sem solução em vista para os seus problemas. Todos nos deram essa impressão. Por mais que haja projetos em vista ou em andamento, as opiniões, novamente, são divergentes, e nenhum deles, em nenhum momento, nos disse, com certeza, qual a solução para os impasses. Parece ser uma opinião unânime, mesmo dentro dos representantes da prefeitura e do poder legislativo que a região recebeu e recebe pouca atenção e benfeitorias dos órgãos públicos.

Dentre os ditos benefícios que a região recebeu estão o Posto do Médico de Família, o Centro de Controle de Zoonoses (que é responsável por toda a cidade), a creche, algum asfalto, água e uma linha de ônibus que, embora seja deficitária, nenhum passageiro, morador ou não, paga a passagem após a entrada do Morro do Céu na altura do Caramujo, para o qual não sabemos dizer o motivo, nem souberam nos explicar.

Os problemas que existem são problemas que, se não se iniciaram com a ida do vazadouro de lixo para lá, se agravaram demasiado, pois antes a área era basicamente rural e, embora houvesse menos recursos ainda do que hoje, a população, a poluição e os

problemas eram bem menores. É muito interessante notar, na entrevista do representante do poder municipal, o esforço para não deixar cair a responsabilidade dos problemas sobre o governo atual, problemas que de fato não iniciam na sua gestão; governo porém, que atua na cidade e, conseqüentemente, naquela área desde 1989. Em várias ocasiões, demonstra uma certa revolta com o tratamento que os moradores e a região vêm tendo, mas imediatamente após, retira o peso que havia colocado sobre a administração atual¹. Porém, em suas palavras fica claro como está a região hoje, quase vinte anos após o início da atividade desta lixeira².

2.3.2 - Crescimento

O crescimento da região se deu desordenadamente e rápido. Houve inclusive, em 1994, uma remoção de favela do Centro de Niterói (favela Maria Thereza), localizada em São Domingos, e levada para o Morro do Céu, perto de onde se situa o Centro de Controle de Zoonoses. Este fato é citado algumas vezes em entrevistas³ e teve o acompanhamento de um trabalho realizado desde São Domingos pela Teresa Carreiro, do Departamento de Psicologia da UFF - Universidade Federal Fluminense (Carreiro, 1998). Através deste trabalho podemos ter noção em que bases foram feitas as remoções⁴, no qual se descreve o abandono do Poder Público e o crescimento da violência no seio do Conjunto Maria Thereza. Segundo uma moradora do local, *“a prefeitura prometeu um monte de coisas e não cumpriu”*.

¹ Por ex. frases como: “Niterói tá limpa, a cidade toda tá limpinha, tá varrida... mas quando chega aqui, não tem nenhuma alternativa pra onde levar o lixo.” // “o que se fez ali de melhorias? Quem tem feito melhorias ali, mesmo sendo considerado pequeno, é a prefeitura de Niterói, através do prefeito Jorge Roberto da Silveira” // “Aqui eu não tenho nenhuma crítica, assim, a este ou aquele prefeito. Estou criticando quem não fez nada de 83 até hoje!” // “Não tem solução. Não f... não foi só com esse prefeito não, com os outros também. Não apresentaram alternativa” // “É o que eu falo sempre: se você perguntar: você está satisfeito com a limpeza da cidade? Estou. O negócio é aqui. Não é na cidade. O negócio é aqui. O drama está aqui. Entendeu? Pra onde vai o lixo; o que se faz com o chorume”

² “A região carece de praticamente tudo. Porque... não tem rua asfaltada, não tem calçada; tem aquele colégio que você trabalha, que as pessoas também têm muita dificuldade; creche é o que já te falei...”

³ “Depois que tiramos uma favela que tinha aqui em frente à UFF, em frente à Faculdade Maria Thereza e levamos lá para perto do Controle de Zoonoses, né?” / “Ali não tem coordenação do crescimento. A não ser uma parte que a prefeitura construiu umas casas, que foi removidas as pessoas daqui da favela Maria Thereza, que aí fez umas casas e que eu acho que essas casas já estão descontroladas também.”

⁴ “O conjunto (Conjunto Maria Thereza, a favela removida recebeu esse nome no Morro do Céu) foi instalado no fundo de um vale bordado por 2 morros, quase sem nenhuma circulação de automóveis; há unicamente 2 vias de acesso que são ladeiras íngremes em péssimo estado”

Com a instalação do vazadouro de lixo no local a área sofreu uma grande desvalorização, o que acarretou em um movimento migratório na região: várias famílias com melhores condições financeiras se mudaram e outras, de menores recursos, ou como já dito, visando a exploração do lixo como fonte de renda, se instalaram (op. cit.). Todavia há no local casas com padrão de classe média, de alvenaria, com bom acabamento, apresentando dois ou mais quartos, piscina, churrasqueira, com carro na garagem (às vezes mais de um), e que poderiam se situar, tranqüilamente, em qualquer outro bairro da cidade (observação local e informações pessoais). Me parece, por observações no local, que estas casas melhores estão situadas em uma área de um antigo sítio que foi loteado, mais para o lado do Caramujo. Para o lado de Ititioca, mais próximo à lixeira, a população e as habitações parecem ser de menores recursos financeiros. Isso pode ser verificado segundo análise de Tereza Carreteiro (1998) na região do Calixto, onde ela detalha a renda per capita, os rendimentos dos chefes de família, os detalhes dos tipos de habitação, entre outros. Porém, por nós foram feitas somente observações visuais, necessitando de maiores informações para qualquer conclusão mais aprofundada.

Podemos lançar para esta questão, uma hipótese com relação ao tipo de ocupação realizada. Nos parece que o Morro do Céu é uma região bem dividida. Por exemplo, temos estas três regiões: o Calixto, o Conjunto Maria Thereza, e o sítio já citado. No local deste antigo sítio, as pessoas adquiriram seus lotes e construíram suas casas, sendo por isso, proprietários, que podem ter interesse em investir no imóvel. Por outro lado, como conta Thereza Carreteiro em seu estudo (op. cit.), no Calixto as pessoas apenas tinham uma permissão para construir em um terreno que não lhes pertence, não tendo direitos à terra. E no Conjunto Maria Thereza, embora a prefeitura tenha prometido o direito de posse quando fez a remoção, até os dias de hoje, cerca de 7 anos depois, os moradores não receberam nenhum documento comprovando que são donos de onde moram (informação de uma moradora).

2.3.3 - Catadores

A população sofre com a proximidade da lixeira. Por mais que muitos tenham migrado para ali após seu início (e outras saído), cremos não tratar-se, na sua maioria, de opção, mas de falta de opção. Dizemos na sua maioria, porque há moradores e outros casos em que as pessoas foram para lá em razão de lá ter uma lixeira. É o caso

clássico dos catadores¹. Hoje são cerca de 200 catadores, que diariamente, 24h por dia, reviram as montanhas de lixo à cata de materiais recicláveis para vender, além de objetos para suas residências e, até mesmo, comida para o próprio consumo, conforme depoimento de um morador².

Teresa Carreiro (1998) cita que existe uma casa na região do Calixto, que foi construída e mobiliada inteiramente com o que foi extraído em meio ao lixo. Um depoimento de uma pessoa que diz ter parentes trabalhando lá dentro demonstra o grau de complexidade desta questão³. Há depoimentos de pessoas que já acharam dinheiro, relógios, cordões, além de eletrodomésticos, como ferros de passar, furadeiras, etc. Pelo seus relatos, um catador pode retirar cerca de R\$ 600,00 por mês ou mais. Hoje há muitas pessoas que não são da região, mas que vêm para garimpar o lixo, sendo que algumas pessoas dizem existir mais da metade dos catadores provenientes do município de São Gonçalo.

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente, os catadores podem dificultar muito o trabalho no aterro, porque querem trabalhar dia e noite, tanto por causa do sol, quanto pelo lixo, que às vezes é “mais rico” à noite, porque, por exemplo, a coleta de Icaraí é feita neste turno. Porém nenhum dos entrevistados admitiu ter problema com eles, mesmo quando o lixo é aterrado, pois somente após a “garimpagem” é que isto pode ser feito. Ainda de acordo com a Secretaria de Meio Ambiente, *“Se você quiser impedi-los de trabalhar ali, você que não consegue, porque eles é que vão te impedir de vazar o lixo ali”*. O que nos demonstraram é que a convivência com os catadores é pacífica, mesmo com a Clin, porém, desde que não os impeça de garimpar.

Houve relatos de fechamento do aterro por parte dos catadores, porque não estava indo para a lixeira os materiais que eles catam, especialmente a latinha¹. A latinha hoje realmente quase não se destina mais à lixeira, pois é interceptada no caminho. O preço do quilo é altamente valorizado (cerca de R\$ 2,00), e muitas pessoas as juntam antes de irem para o lixo, como forma de arrecadar algum dinheiro. Mas este tipo de protesto pode

¹ “O cheiro foi aumentando... e elas foram saindo (*os moradores do entorno*). E outras foram entrando! Me parece... por incrível que pareça, dentro da lixeira mora gente... e que vive dali da lixeira.”

² “Eu presenciei... veio aquele detrito, no meio tinha frangos, lá mesmo eles comem... a criança pega uma maçã, passa assim na camisa e come...” // “Supermercado bota muita coisa pra cá que dá pra aproveitar por quem tá no sufoco”

³ “Ah... de bebê. De bebê até... aliás, eu não gosto nem de... não sem nem a idade delas / Já nasce catador! / Tem uns que já nascem lá no meio do lixo!”

ocorrer também pela falta de outros materiais, como papelão. Isso foi citado, inclusive, como um possível problema em relação à coleta seletiva do lixo, que está sendo ampliada pela prefeitura, pois esta diminuiria o volume do lixo reciclável (e valioso) na lixeira, podendo trazer atritos com os catadores.

Isso demonstra a grande complexidade da questão, que requer um série de cuidados e projetos especiais, como a montagem de cooperativas ou capacitação de mão-de-obra.

2.3.4 - Águas e Chorume

Todos sabem o que a lixeira tem causado à hidrologia daquela região como um todo (águas subterrâneas ou superficiais). Os moradores pela observação direta, pela vivência, os demais pela lógica das coisas, porque sabem o que acontece com as águas de uma região onde existe um lixão sem impermeabilização ou tratamento de chorume. Além disso, há pesquisas realizadas na região, que atestam a má qualidade da água (Sisino, 1995), como já foi dito anteriormente. A forma de abordar o assunto, além da maneira de apreensão, também diverge. O poder público, embora conhecedor do fato, e embora a parte que tem o poder de fazer algo, parece que se limita a reconhecer que existe uma deficiência nessa questão e que até hoje eles não têm uma solução para o caso. Enquanto isso, o chorume continua sem tratamento, poluindo os poços e os rios por onde passa. Rios esses, mesmo assim utilizados pela população. Um exemplo de depoimento frio, sem envolvimento maior com a questão, embora conhecedor do fato, foi dado pelo representante do poder legislativo². Como se as águas de um local influenciassem apenas aquele local, como fossem “prisoneiras” de uma certa região.

Como já falado anteriormente, há a nascente do Córrego Mata-Paca - encontrada no vale onde está o aterro – que, juntamente com as águas das chuvas e o chorume, formam um pequeno curso d’água que atravessa os fundos de um sítio, fluindo em direção ao leste. Este curso d’água já é considerado como Córrego Mata-Paca ao passar pela Rua A, onde é canalizado por manilhas, desaguando do outro lado da rua Arthur

¹ “Quando os catadores cismam eles mesmos fecham. Há pouco tempo os catadores fecharam a lixeira porque tava vindo pouca latinha”

² “De qualquer maneira o solo ali já está contaminado. / A população ali perdeu as águas todinhas que tinha...”

Mota. Este córrego passa pela Florália (Floricultura) e mais adiante encontra-se com o Rio Sapê, já em Santa Bárbara, o qual é utilizado na irrigação de hortas (Sissino, 1995). Ele segue seu caminho, passando por Matapaca, Maria Paula, alcança São Gonçalo, passando por Alcântara e desaguardando na Baía de Guanabara, sendo um de seus poluidores¹. Este fato de um córrego poluído pelo chorume do lixão ser utilizado por pequenos agricultores é de conhecimento de vários órgãos da prefeitura, como atesta um dos entrevistados².

É interessante notar que este caso, embora de conhecimento de todos há muitos anos, citado inclusive em trabalhos científicos (op cit.), aparece em uma nota do jornal O Globo de 8 de julho de 2001 afirmando que os “ambientalistas fluminenses fizeram a terrível descoberta de que o chorume deste lixão deságua na Baía de Guanabara sem nenhum tratamento” (Sujou geral, 2001).

Mesmo, como dito, sendo um dos agentes poluidores da Baía de Guanabara, o chorume escoado deste lixão não tem nenhum tratamento, apenas a canalização e o destino descrito. Há apenas idéias para seu tratamento, mas absolutamente nada de concreto. Obtivemos a informação, através da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, que *“o componente lixo é um componente que não avançou. Foi uma concepção equivocada. O lixo é uma atribuição dos municípios e não se consultou a eles”*. E quanto ao chorume, *“solução técnica tem, mas vai se custar mais do que se previa, houve planejamento errado”*. Portanto, há soluções técnicas, teóricas, mas nenhuma prática. Uma das soluções cogitadas seria o chorume ser coletado por caminhão e transportado para uma Estação de Tratamento de Esgoto (E.T.E.), sendo citada a de São Gonçalo. Em relação a esse assunto, um dos entrevistados deu a entender como está situação³.

¹ “Já tem captação de chorume, já tem drenagem agora para captação de chorume. Eu não sei como está sendo tratado. Mas antigamente esse chorume escorria, ele descia aqui, tinha 2 galerias, ele ia cair no rio. Esse rio vai passar por Matapaca ali na estrada velha de Pendotiba, ali em Maria Paula e vai para São Gonçalo, passar por Alcântara, para cair na Baía de Guanabara lá em São Gonçalo.”

² “O morro é lá em cima, cá em baixo tem uma grotta. E aí tudo que chove lá em cima, porque a água vai descer ali, então, não é a chuva, mas o líquido do lixo. Daí pega aqui em baixo um riacho, e aí vai embora... no final da rua A. Aí vai por aqui a fora, passa na Flo... dentro da Florália, passa numa horta lá em baixo, os trabalhadores tão plantando agrião e aguardando com aquela á... aquele chorume / Isso já foi notificado ao serviço de zoonoses da prefeitura, ao serviço de saúde pública, nós já passamos para frente um ofício comunicando o risco de saúde que corre a população que é... compra verduras aguadas por esse chorume. O secretário de saúde do município já sabe disso, tá? Então a revolta do Caramujo...”

³ “Com referência ao chorume, não há nenhum projeto... nem do estado, e nem do município. O sub-secretário esteve aqui comigo, Dr. Luiz Edmundo... e... segundo ele, o chorume teria que sair daqui e levar pra uma estação de tratamento em São Gonçalo. Pra levar ele pra lá, vai demorar tempo e... não é dizer que é

2.3.5 - Animais e Vetores de doenças

O lixo é preferencialmente uma via indireta de transmissão de doenças, seja pela contaminação pelo chorume, pela fumaça da queima, ou pela proliferação de vetores biológicos e mecânicos e roedores (Leite et al., 1990). No Morro do Céu é grande a quantidade de animais que vivem nas ruas ou no interior da lixeira, o que pôde ser comprovado através da observação no local e informações em entrevistas¹. São bois, porcos, cavalos, cabras, que ali vivem, se alimentando do lixo. Segundo informações, é provável que sejam abatidos e vendidos clandestinamente para consumo humano.

Além disso, o lixão é uma grande fonte de atração de animais como ratos, baratas, moscas, urubus, etc. Por esta razão, os moradores têm problemas com estes animais. Não foram notificados até hoje, no entanto, segundo a Coordenação de Vigilância em Saúde, surtos de doenças ou mesmo casos isolados que fossem diretamente relacionados ao lixão, lembrando que fica difícil estabelecer esse vínculo, já que as regiões adjacentes ao vazadouro são carentes e desprovidas de saneamento básico, o que por si só facilitaria bastante a ocorrência de doenças. São necessárias mais pesquisas neste quesito. Porém, foi lembrado pelo Centro de Controle de Zoonoses, que *“historicamente, o Morro do Céu é uma área de ocorrência de Leptospirose, porque Lixo + Rato = Leptospirose”*.

Todos os depoimentos de moradores demonstram o, no mínimo, incômodo que causa viver perto de um vazadouro em que o lixo fica a céu aberto². A mosca é uma reclamação constante. Como observação direta, tenho a oportunidade de verificar a quantidade de moscas presentes na Escola José de Anchieta, na qual sou professor, principalmente no refeitório dos alunos e na cozinha. Às vezes a quantidade destes insetos no chão da cozinha ou nas mesas em que eu mesmo costumo almoçar é impressionante. Vale lembrar que a mosca doméstica é responsável pela transmissão de infecções por bactérias e vírus intestinais, ultrapassando a 100 espécies patogênicas cuja veiculação está relacionada a esses dípteros (Leite, 1990). É citado pela revista Feema (Feema, 1993) que

impossível, demora muito tempo, encarece muito. Pra botar ele em caminhão pipa, transportando 10 caminhões 24 horas por dia, chorume para São Gonçalo, ele disse que vai ser uma loucura.”

¹ “Bicho! Tudo quanto é bicho. Tudo quanto é troço tem no meio desse troço aí.” / “É igual ao porco. Você vai lá no lixão do Morro do Céu vê cada porco desse tamanho”

² “Se eu aqui, hoje, nós tamos conversando aqui, sem varejeira, porque está o tempo está um pouquinho frio, mas se der uma chuva isso aqui fica cheio de mosca.” // “Benefício?! Vai lá em casa comer um frango!!” // “Ganhou benefício: mosca dentro de casa e bicho na porta!”

as moscas também podem atuar como agentes transmissores do vibrião da cólera, ao posar em fezes infectadas e alimentos.

Há depoimentos também de professoras de crianças da escola que foram mordidas por ratos, e depoimentos dos próprios alunos reclamando da convivência com os animais atraídos pelo lixo, principalmente moscas e ratos.

O Centro de Controle de Zoonoses faz visitas às residências para conscientização em relação às possíveis zoonoses a que os moradores estão sujeitos, e reuniões para o controle do mosquito transmissor da dengue, trabalho que está sob responsabilidade da Vigilância Sanitária, da qual é ligado, após extinção da Sucam. Porém, por diversos motivos, sua atuação na região é dificultada, seja pelo fato de muitas casas não terem muros e os animais de estimação criados soltos (o que os leva a não fazerem apreensões, como em outros cantos da cidade), seja pelo fato de os animais da lixeira terem donos, e estes donos terem uma certa “influência” (termo utilizado em entrevista) na região.

2.3.6 - Aterramento do lixo / Lixo Hospitalar

Muitos desses problema com animais vêm em decorrência do fato de o lixo ficar a céu aberto por tempo demasiado. Ao que parece, o lixo não é coberto com a frequência que deveria. Há partes cobertas e já “seladas”(onde não se coloca mais lixo), e a Clin está trabalhando na forma de “degraus” de lixo, degraus estes que, quando chegam a uma determinada altura, são aterrados. Porém, diversos depoimentos nos deram a entender que grande parte do lixo fica a céu aberto durante muito tempo¹. Através de observação pessoal no local, a impressão que nos dá também é esta.

Há diversas versões para o não aterramento do lixo. Segundo um trabalhador do local, a Clin diz que não tem argila para aterrar, o que é desmentido pelo entrevistado logo após². Outros motivos são apresentados por outras pessoas³.

¹ “informalmente, eles não tampam, isso eu acho um absurdo!” // “Não cobre lixo ali, é essa situação que você tá vendo aí” // “Deixa ele bastante tempo ali jogado a céu aberto, que é uma desgraça, aí que vai aterrar”

² “Que não tem barro. Mas é o que mais entra aí. Ói que você pode entrar lá dentro e ver que é o que mais tem em todo canto aí / Jogam fora! Faz um tempo lá jogam um barro em cima do outro. E o lixo mesmo não vai.”

³ “Não, o lixo tá recebendo sim, uma camada de terra, só que ele não pode aterrar todo. Se você colocar terra, terra em cima, vai diminuir o tempo de vida do lixo. Entendeu? Quanto mais terra você botar em cima do lixo, você tá diminuindo o tempo de vida dele”

Quanto ao lixo hospitalar, este é um problema à parte. Segundo informações na Secretaria de Meio Ambiente, uma resolução CONAMA obriga a incinerá-lo, o que não está sendo feito. A usina de incineração está no meio de um embate entre o governo estadual e o municipal (descrito mais adiante) e, segundo informações, este tipo de lixo altamente perigoso¹ fica exposto a céu aberto durante longos períodos de tempo, para depois ser aterrado como lixo comum². Está apenas separado do resto, onde é vedada também a entrada de qualquer pessoa. Porém, fica muito tempo sem nenhuma cobertura, tendo inclusive, depoimentos de alunos da Escola Municipal José de Anchieta que atestam isso³.

2.3.7 - Fauna e Flora

Há ainda alguns sítios e pedaços de matas na região, inclusive no entorno da lixeira. Segundo Sisino (1995), é uma mata secundária, porém, de grande importância por abrigar uma nascente, a do córrego Mata-Paca, sendo por isso, protegida por lei⁴. Mesmo assim, grande parte da região foi desmatada para dar espaço à lixeira inicial e, com o crescimento, às suas expansões. Podemos observar na região a parte florestada em volta do vazadouro, demonstrando como era anteriormente, além de algumas informações em entrevistas que obtivemos⁵. Inclusive nos foi citado um projeto para uma nova expansão do aterro, o que provavelmente implicaria em novos desmatamentos⁶.

¹ Deixo aqui a redação original, mas há trabalhos científicos que demonstram a não periculosidade do lixo hospitalar, tendo o autor, hoje em dia (Abril, 2005), uma visão diferente deste, como pode ser atestado na dissertação de mestrado (DIB-FERREIRA, Declev Reynier. **As diversas visões do lixo**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Geociências, Mestrado em Ciência Ambiental, 2005).

² “o lixo do hospital, que está sendo jogado e aterrado. Esse é o mais grave. / Ele fica a céu aberto pelo seguinte... ele fica, ele fica sim até um certa altura, para não diminuir o tempo de vida. / Ele tem um tratamento indiscriminado, igual a lixo comum. / É, ele vai, ele ele tá sendo considerado igual ao lixo comum, aí chega a uma certa... tempo de dias que ele tá ali a céu aberto, aí cobre de terra.”

³ “...as pessoas estão sendo prejudicadas com o lixo hospitalar que está sendo posto debaixo de nossas casas. / fora quando a noite chega e o cheiro é muito ruim, porque é cheiro de sangue podre, seringas, etc.”

⁴ Lei 4.771 de 15/09/1965 - Art 2 – Consideram-se de preservação permanente, pelo só efeito desta Lei, as florestas e demais formas de vegetação natural situadas: (Alínea c) nas nascentes, ainda que intermitentes e nos chamados “olhos d'água, qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50m(cinqüenta metros) de largura;

⁵ “Olha, o Morro do Céu antes da lixeira, ele era um morro arborizado, ele tinha muitas árvores, e com a lixeira ele foi sendo desmatado, a lixeira foi.. o lixo foi colocando o aterro e ele foi tendo a... desmatção daquelas árvores, né? / E ali era um mato fechado, praticamente um mato fechado, e ali tem uma... era quase que uma mata.” // “...aquilo dali era mato. Era uma mata só. De um lado a outro”

⁶ “o que tô dizendo, tem que impedir novas construções e dasapropriar. Você cresce aqui. ‘E essa área verde?’ Não tem jeito! Já está afetada. Ela já tá afetada.”

2.3.8 - Odor, Barulho, Poeira

Além do que já falamos, a lixeira traz outros inconvenientes para a população que vive em seu entorno. Alguns deste são sentidos também ao longe, por outras comunidades, Caramujo, Santa Bárbara, Ititioca, Maria Paula e outras.

O odor que exala das montanhas de lixo é uma das reclamações mais recorrentes da população. O fato de demorar para o aterramento do lixo agrava a situação. Pelos relatos, é pior quando faz calor após uma chuva, e chega a ser tão forte que o vento leva para lugares distantes, como a rua São Jorge, já citada¹. Há o relato de uma fábrica de sardinhas que descarrega constantemente seus rejeitos neste vazadouro, e estes ficam a céu aberto durante alguns dias, o que agrava a situação.

Outro grande inconveniente para quem mora ao lado da lixeira é o barulho. Visto que a lixeira funciona 24 h por dia e o fluxo de caminhões é constante, a poluição sonora, junto com o cheiro, faz com que seja até difícil dormir à noite: *“Dia e noite. Ninguém dorme aqui não!”*, disse um entrevistado vizinho da lixeira, ao mesmo tempo que explicava com palavras, gestos e barulhos o que acontece². Segundo ele, tem aqueles caminhões que a carroceria suspende para o lixo cair. Às vezes o lixo cai todo, mas quando isso não acontece, quando fica alguma coisa presa na carroceria, o motorista avança para frente e freia bruscamente para a tampa móvel bater na traseira do caminhão e fazer o lixo deslizar. E isso também de madrugada. Além dos tratores, que trabalham, segundo suas palavras, *“no último grau”*³. *“Não existe lei do silêncio. Aqui não existe lei do silêncio! Não existe lei do silêncio aqui!”*, resume.

Um aspecto que não podemos deixar de destacar é a poeira na região. Por ter um fluxo de caminhões muito intenso, e por ter muitas ruas não asfaltadas, os moradores estão sujeitos a um ar carregado de poeira, o que leva a associação de

¹ “Quando chove e esquenta o cheiro é pior, de madrugada incomoda bastante, mesmo com a casa fechada, assim mesmo sente” // “Dá esse mal cheiro, esse gás brabo aí que prejudica todo mundo. Você vê que não chove, se chover uns 2 dias, se chover um dia no outro dia que dá sol você num guenta.”

² “Barulho é o seguinte: quando o lixo... no caminhão vaza, ele... tem caminhão que o lixo cai todo, mas tem uns, que o caminhão, o... o... o... lixo, fica grudado na carroceria do caminhão. Simplesmente, o condutor, o que que ele faz? Vai à frente e... PÁ! (faz um barulho espalmando as mãos) e freia com... PÁ!... aquela caçamba trabalha assim, entendeu?, aí faz isso né, aí quer dizer, aqui é o eixo, né, aí ele, pra balançar... aí a tampa, que ele é móvel, né... aí... PÁF!! (bate com as mãos e faz o barulho com a boca)”

³ “No último grau... você não consegue dormir não moço... se você fica meia-noite, uma hora da manhã, duas horas da manhã...”

moradores a pedir à Clin que, nos dias mais secos, molhe as ruas por onde passam os caminhões, para que não levantem muita poeira. No próprio Centro de controle de Zoonoses foi questionado este fato em relação à saúde da população¹, os próprios moradores têm consciência disso², e eu mesmo presenciei diversas vezes as nuvens de poeira formadas pelos ventos. Porém, quando é água contaminada, as pessoas podem fazer a opção de não beber e de obtê-la de outras formas, mas o ar...

2.3.9 - Violência e Tráfico

Em seu trabalho de acompanhamento da população removida da Favela Maria Thereza, Carreteiro (1998) aponta a evolução do tráfico dentro desta população ao se instalar no Morro do Céu. Nós não tivemos relatos de violência por parte de nossos entrevistados, havendo, inclusive, defesas da calma da região, e de como todos se conhecem e têm tranqüilidade³, ao mesmo tempo que reconhecem que as pessoas que não moram e não conhecem o local, têm um certo preconceito, que dizem infundado⁴. Citaram até serviços de entrega que não aceitam fazê-las na região, como do jornal O Globo, entre outros.

Relatos bem recentes, porém, indicam um crescimento atual da violência, principalmente ligada ao tráfico. Diversos entrevistados nos disseram existir traficantes que atuam na região, sendo mais comum as áreas próximas à Ititioca. Contudo, agora nos parece estar mais difundido. Nas últimas semanas de pesquisa inclusive, houve uma morte na região supra citada, sendo este assunto, porém, de difícil conversa, pois todos sentem receios de falar algo a respeito.

2.4 - SOLUÇÕES APRESENTADAS

Quando a Clin foi fundada, em 1989, foram tomadas uma série de providências para minimizar os efeitos nocivos do lixão. Na parte que este já existia não

¹ “Os caminhões passando levantam poeira, e essa poeira pode ser (é) contaminada, pois é poeira do lixo, do lixo hospitalar, do líquido que cai do caminhão e seca no asfalto, etc. E a população de lá vive respirando esta poeira contaminada.”

² “Muitíssima poeira, no verão é terrível. / Será que esse ar não tá fazendo mal pra gente? Não sei...”

³ “Nós aqui não somos incomodados, todo mundo se dá bem, é um lugar pacato, entendeu?”

⁴ “Então o pessoal tem medo de vir pra cá né? Tem medo de ser assaltado, mas não tem nada disso não”

foi possível fazer nada¹. Depois que se começou a cobrir o lixo e nas novas células que foram se formando foi feito drenagem, sem tratamento, de chorume e gases. Mesmo assim, soluções apenas paliativas, que deixavam muitos problemas sem solução. O chorume, ao invés de percolar, passou a cair em um rio, como já descrevemos, o lixo não está sendo totalmente coberto, não há controle de vetores e animais.

Algumas soluções estão sendo apresentadas pelos poderes públicos²:

- A Secretaria de Meio Ambiente (em entrevista), em conjunto com a Clin (Folha de Niterói, 6 a 12 de julho de 2001 e O Fluminense, 22 e 23 de julho de 2001), informou estar empenhada em diminuir o volume de lixo que é destinado ao aterro através da ampliação da coleta seletiva no município. Vale ressaltar que a coleta seletiva, sempre que nos referimos a ela a algum representante do poder público, a questão dos custos vem à tona como uma barreira para sua implantação. A Clin pretende fazer através de PEV (Postos de Entrega Voluntária), e cadastros de condomínios, ruas, etc.;

- A Clin tem um projeto de uma usina de mineralização do lixo que, após a separação dos metais, desidratará o lixo, transformando-o em um composto que servirá para fabricação de asfalto, tijolos, entre outros. Embora pareça bem interessante a idéia, não conseguimos maiores informações, pois era somente isso que os entrevistados sabiam, o que faz desta usina uma incógnita;

- O Governo do Estado, através do PDBG - Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, iniciou em 1998, a construção de duas usinas, uma de separação e compostagem do lixo, outra de incineração de lixo hospitalar. Segundo informações, em dezembro do mesmo ano as obras foram paralisadas, e somente agora serão retomadas;

- Para a questão do chorume há apenas soluções técnicas, não tendo nada em vista ainda. Uma lagoa de estabilização para uma estação de tratamento, por ter casas muito próximas de onde ela estaria, traria um cheiro muito forte. Uma das soluções apontadas é o deslocamento desse líquido para alguma ETE (Estação de Tratamento de Esgotos), em Niterói ou em São Gonçalo;

- Uma das soluções apresentadas e defendidas por mais de uma pessoa, é a da expansão do aterro. Segundo esta idéia, as usinas não vão dar vazão ao montante de lixo, o que

¹ “O aterro de Niterói não é um aterro sanitário. Como ele já existia desde 81 ou 83, como você vai impermeabilizar um solo e drenar o chorume onde você já dispôs resíduos a muitos anos?” // “É... o aterro de Niterói, ele já já causou... os danos que ele tinha que causar ele já causou. Porque ele não foi impermeabilizado. Ele não é um aterro.”

² Informações hoje defasadas (Abril, 2005).

implicaria em uma demanda de espaço. Desta forma, há idéias para se desapropriar mais algumas áreas próximas á lixeira para que o lixo possa se expandir e esta durar mais alguns anos.

- A solução de acabar com o aterro e/ou transferi-lo para outro lugar também foi citada, mas sem nenhum respaldo técnico, movido apenas pela emoção.

Todas estas soluções apresentadas, porém, não estão em operação, e não se sabe nem quando alguma delas estará vigorando.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a dinâmica do processo de implantação desta lixeira e a conseqüente degradação sofrida pela região, é necessário o resgate e entendimento das argumentações utilizadas, concebendo a vida social e política como arenas argumentativas, onde os debates estão sediados no “sistema de arenas públicas” (Fucks, 1998). Vamos então, procurar nos reter nos processos argumentativos dos diferentes atores sociais envolvidos na questão da lixeira do Morro do Céu, alguns dos quais já forma descritos.

O Meio Ambiente é um bem de interesse difuso (Neves e Tostes, 1992), ou seja, une pessoas não muito bem identificadas, é de interesse universal, de toda a sociedade, não estando, por isso, a luta em sua defesa, circunscrita a vínculos de classe, etnia, gênero ou qualquer outro (Fucks, 1998). Desta forma, pudemos perceber que diversos setores da sociedade estiveram ligados de alguma forma na luta contra a lixeira, sejam eles moradores da região ou não.

Várias foram as discussões na época, e que ainda hoje estão em pauta, principalmente com o crescimento da consciência na população, de uma maneira em geral, de que a luta em defesa do meio ambiente faz parte da luta pela qualidade de vida. E de que tudo é interligado, podendo, por exemplo, as conseqüências de um lixão, se ramificar por diversos e longínquos bairros, quiçá pela cidade inteira e outras cidades. Como é o caso de nosso estudo, em que, por exemplo, o chorume canalizado da lixeira cai em um rio que atravessa vários bairros, uma cidade vizinha, e deságua na Baía de Guanabara, que banha diversos outros municípios.

O lixão de Niterói está com os seus dias contados. Todos os entrevistados afirmaram isso. Algumas expansões foram feitas para que durasse mais alguns anos, tanto que o Diagnóstico Ambiental de Niterói, produzido há quase dez anos (Niterói, 1992), afirma que sua capacidade útil estimada seria de cerca de mais 5 anos naquela época, além de citar que sua área era de 80 mil m², enquanto a Clin hoje afirma ser de 200 mil m².

Os entrevistados que convivem diretamente com o lixão, seja porque vivem no local, seja porque vão ao Morro do Céu constantemente, manifestaram o desejo e a

preocupação de que o caso se resolva rapidamente, e de uma forma menos impactante possível. Uma das grandes preocupações desses atores sociais é o fato de que um novo aterro, em outro lugar, irá impactar outra área, resultando em desmatamentos, poluição e todos os problemas de um lixão, que eles já conhecem e convivem em sua vida¹. Desta forma, sempre cobraram a questão da usina como a grande solução, para que não se impacte outra área, embora muitos se mostrem, por diversos motivos, incrédulos². Isso pode ser talvez explicado pela demora nas obras e pelas discussões entre os poderes municipal (responsável pela lixeira) e estadual (responsável pela construção das usinas), discussão tantas vezes expostas nos meios de comunicação (Peret, 2001; Arruda, 2001; “Que Horror”, 2001; Medeiros, S., 2001 e Medeiros, R., 2001).

Esta discussão ficou patente na reunião que houve, dia 20 de abril de 2001 no CIEP do Caramujo, onde se discutiu a questão da lixeira. Infelizmente ficamos sabendo somente após de ocorrido, buscamos alguém que houvesse gravado, mas nenhum dos participantes que tivemos acesso o fez. Apenas tivemos acesso a uma reportagem de um jornal local da cidade (Peret, 2001), que contém uma série de erros e se opõe claramente ao Governo do Estado³, a qual não se pode dar muita confiança.

Em vários momentos, entrevistados se referiram a pessoas que, na época, lutaram contra a instalação da lixeira, e hoje trabalham para a prefeitura. Podemos entender talvez, como práticas de cooptação, mas sem afirmar precisamente, por faltas de maiores informações. Em nenhum momento houve uma acusação direta, mas demonstraram um certo desgosto com essa situação, além da sensação de descrença e abandono que isso causou⁴.

Os moradores se referiram também a pessoas que, na época, ficaram a favor da lixeira, ou ao menos não participaram dos protestos, e hoje estão arrependidas⁵. Nestas

¹ “Não se deve desmatar nada, quanto mais árvores melhor” // “Tudo tem que ser resolvido. Agora, como tem que ser resolvido? Se tirar daqui e botar lá em Cambóinhas? Tem que dar um tratamento, agora, esse tratamento é ela funcionar” // “Para eles não matarem mais florestas por aí, o jeito é botar a usina”

² “Não! Não vai dar jeito não! Ela é construída pra 300 toneladas, da última vez que tive acesso já tava com umas 700 e poucas toneladas” // “O pessoal tá mais conformado com a tal de usina, mas pode dar certo ou não... tem que ter uma tecnologia boa”

³ “Niterói tem uma excelente qualidade de vida, porque a Clin executa com perfeição o trabalho de limpeza... / Mas um fatídico contrato assinado com o Governo do Estado... / Toda essa loucura teve início na ECO/92... / Falaram maravilhas do PDBG e na verdade ele é um humilde saneamento básico para tratamento de lixo, coleta de esgoto e nada mais”

⁴ “Aí ela faz parte do órgão agora, né?” // “...mas falar eu não sei se ela vai falar, né, agora ela pertence à prefeitura...” // “(diversos nomes) protestaram, mas são tudo da prefeitura agora...”

⁵ “Tinha muita gente de acordo com a lixeira e só veio sentir agora, depois de muitas doenças...”

citações, entram referências à “ilusões”, ou à “compra” dos moradores com benefícios na região (já citados no tópico “lixão e política”). Na Escola Municipal José de Anchieta, houve referência, com um certo pesar, ao não envolvimento desta, da direção, das professoras, no debate sobre a ida da lixeira para lá, e também a uma “troca de favores”¹.

Muitas foram as lutas e os protestos da população², embora, como já dissemos, houvesse pessoas que aceitaram a idéia logo de princípio, seja movidos pela intenção de fazer dela o seu sustento (catadores), seja esperando melhorias no bairro. Segundo os relatos, havia manifestações e fechamentos de ruas. Eles fechavam as entradas, tanto vindo pelo Caramujo, quanto pela Ititioca, iam aos jornais e recebiam apoio de outras entidades e associações, como já foi citado.

Neste campo de argumentação e medição de força tínhamos, de um lado o poder público, responsável pelo destino de toneladas de lixo diárias e de outro, diversos setores da população que não queriam que a lixeira se instalasse ali, mas que sabiam da necessidade de se descobrir urgente um local.

Podemos citar quatro fatores interligados que contribuíram para o “esfriamento” da luta contra a instalação da lixeira, permitindo que isto ocorresse:

- a) essa consciência (inata ou produzida pelos argumentos utilizados) de que a prefeitura tinha que colocar o lixo em algum lugar, porque era produzido pela sua própria cidade, da qual eles também eram moradores, o que os faziam cúmplices;
- b) construindo essa consciência, ou se aproveitando da mesma, os argumentos apresentados pelo poder público de que eles tinham que arrumar um local, de que o lixo era nosso e por isso tínhamos que cuidar dele e de que não existia outro local disponível (já discutidos no tópico “Lixão e Política”);
- c) o fato de terem pessoas, mesmo dentre os próprios moradores, que eram a favor³; e
- d) as benfeitorias utilizadas como instrumentos de barganha pelo poder público. Estas foram fundamentais na atração de certos moradores. Como já relatado, alguns moradores

¹ “ A escola na época aceitou a lixeira, não conseguimos enxergar os malefícios que a lixeira traria... / não fizemos nada contra ela. / A diretora calou a boca, houve uns reparos na escola, em troca da lixeira”

² “E quando veio a notícia da lixeira pra cá nós não aceitamos (fala com resolução), todo mundo se bateu e... fizeram... não deixaram passar ninguém, você vê? fecharam as ruas e tudo... / A gente se bateu muito, fomos à televisão, fomos ao jornal, teve uma porção de peripécias, uma porção de coisas, entendeu?”

³ “Um falando prá... um a favor pra dez contra...” // “Depois teve que esfriar, porque não encontrava apoio. Não foram todos os moradores, muitos eram a favor”

se referiram a essas barganhas como ilusões, e os moradores que aceitaram os argumentos, como iludidos¹.

Hoje em dia, os moradores, assim como já discutido sobre os catadores, se mobilizam e utilizam a própria lixeira como a sua barganha política, fechando o acesso a esta quando quer conseguir algo, como citado por Carreteira (1998)², e em diversos depoimentos de moradores³. O poder público tenta coibir este tipo de manifestação impondo uma multa à associação de moradores, no caso de ela organizar qualquer manifestação deste tipo. Assim, esta se mantém afastada destes embates, mas a população se organiza por si só, por meio do qual já conseguiu algumas benfeitorias, como água que estava faltando (informação em entrevista), e alargamento e pavimentação de uma rua (Carreteiro, 1997)⁴.

Através dos conflitos para a não instalação da lixeira e para sua desativação, que ainda continuam, podemos nos perguntar se isso, mesmo que inconscientemente, não é, dos moradores, um movimento ambiental. Pelo fato de demonstrarem saber exatamente quais os problemas que a lixeira pode trazer - como a contaminação das águas pelo chorume, os desmatamentos que se fizeram e fazem necessários, as doenças trazidas por animais ou pelo ar - e pela preocupação que trazem consigo de que não basta transferir a lixeira para outro local, pois implicaria em novos impactos, cremos se tratar também, além da preocupação com seu próprio bem estar, de uma luta a favor do meio ambiente.

As diversas conversas que tivemos, com os diversos atores sociais representados, nos permite ter uma idéia das diferentes visões que compõem este quadro. Para os moradores, o lixo é uma realidade, sim, e eles não têm qualquer esperança de que este saia dali. Porém, o grande clamor é pela resolução dos problemas e melhorias na

¹ “Muita gente que morava aqui apoiava a lixeira. Existiam promessas de melhoria, ônibus, calçamento. Aqui ninguém paga ônibus, isso compra a população”

² “Nos últimos meses o “lixão” tem funcionado como um instrumento político: fechando o acesso ao “lixão”, os moradores do Morro do Céu têm pressionado o poder municipal a empreender benfeitorias na região”

³ “...mas a comunidade mesmo quando se sente apertada fecha aí... o acesso ao lixo” // “De vez em quando tem um protesto lá em cima, fechando o caminho, para reivindicar algo, alguma melhoria”

⁴ “...que pelo lado democrático, é muito ruim você ter acesso. Agora, se você... mobilizar a comunidade, que tá sendo sacrificada, ‘vamos parar um caminhão desse’, é mais fácil. Que aí aparece todo mundo. O único que não aparece aqui... é o prefeito. A cambada dele aparece todo mundo. / Mas primeiro o diálogo! Por quê vai fechar! Se for pra benefício da comunidade eles vão”

região. Mesmo que se tenha que conviver com a lixeira, que seja da forma menos impactante possível¹.

Como não podia deixar de ser, nas entrevistas com os representantes do poder público, de uma forma geral, as conversas sempre recaíram mais para o lado técnico, com dados numéricos, informações generalizadas sobre lixo, as soluções que existem nos diversos cantos do mundo, e as dezenas de “por quês” da não utilização destas no lixão do Morro do Céu. Entre os moradores ou aqueles mais envolvidos com a área, principalmente por viverem lá desde muitos anos, as conversas tomaram rumos mais humanos, mais saudosos de um tempo que passou.

“Acabou o lugar, acabou o lugar... A lixeira acabou com o lugar...”

3.1 – PROPOSTAS E PLANO DE AÇÃO

Diante do quadro exposto de degradação de um lindo lugar e de sucessões de problemas, apenas podemos concluir que é urgente a busca de soluções. Nota no jornal O Globo, de 8 de julho deste ano, afirma que os “ambientalistas fluminenses fizeram uma terrível “descoberta”: que o chorume do lixão do Morro do Céu cai na Baía de Guanabara...

Insistimos em chamá-lo de lixão, embora tenha a classificação de aterro controlado. Para ser um aterro controlado, é necessário, no mínimo, cobertura do lixo. Como foi descrito, a cobertura não é ideal, o chorume não tem tratamento, o gás não tem tratamento, não há controle dos animais que vivem e são criados dentro do lixo, não há controle sobre os catadores, o lixo hospitalar não tem tratamento adequado.

Uma série de atitudes devem ser tomadas para que se possa solucionar os problemas (algumas já em andamento), produzindo um menor impacto sobre o meio ambiente e dando uma melhor qualidade de vida à população que é obrigada a viver em seu entorno:

- Um tratamento adequado do chorume;
- A cobertura total e sistemática do lixo depositado;
- O reflorestamento nas áreas em torno do aterro e outras que sejam possíveis;

¹ “Ela não vai sair. Então, primeiramente (.....). Pra recompensar a comunidade, eles têm que estruturar a comunidade. Eles só falam “ah, a lixeira... o aterro só tem 2 anos de vida útil”. Mas, eles estão esquecendo a comunidade?”

- A proteção total dos resquícios de mata que existem na região;
- A devolução das áreas já seladas do aterro para a região, em forma de quadras esportivas, parques ou outros;
- O aproveitamento do gás natural produzido pela decomposição do lixo;
- Um programa efetivo de controle de proliferação de vetores;
- O controle da população animal que se alimenta do lixo;
- O funcionamento urgente das usinas;
- A organização dos catadores em cooperativa e o treinamento para utilização de sua mão-de-obra nas usinas;
- A ampliação e intensificação da coleta seletiva em todo o município;
- A urbanização da região, com paralelepípedos, calçamento, saneamento básico, entre outros;
- A divulgação dos acontecimentos e discussões com os moradores, com vistas à sua efetiva participação em todos os processos.
- A Educação Ambiental ininterrupta, envolvendo escolas, moradores, associações, condomínios, instituições e qualquer outra forma de agrupamentos de pessoas, em toda a cidade, para a formação de uma mentalidade e cultura de defesa do meio ambiente e preocupação com o bem-estar de toda a população.

Devemos ter em mente que “O trato com o meio ambiente é um indicativo de evolução cultural, econômica e política de uma sociedade. Mesmo as soluções triviais atualmente recomendadas, como disposição em aterros sanitários, deixarão marcas indeléveis na natureza, as quais serão sentidas e obrigatoriamente tratadas pelas sociedades futuras, devendo ser consideradas como soluções temporárias” (Mahler, 2001)

De nossa parte, como professor da Escola Municipal José de Anchieta, além de ter acesso aos moradores de diversas formas (Associação de Moradores, projeto da Secretaria de Ação Social e Cidadania, Escola), temos a oportunidade de trabalhar atuando na educação da população, especialmente as crianças, no que tange a problemática do lixo e das águas, entre outros.

Desta forma, iremos atuar:

- Em um projeto de educação ambiental implantado dentro da escola, em que serão desenvolvidas diversas atividades que tenham relação com lixo, saúde e meio ambiente,

como palestras, jardins, hortas, viveiro de mudas de árvores, compostagens, coleta seletiva, oficinas de arte com lixo, dentre outros;

- Na divulgação deste trabalho entre a população, como forma de resgate de sua história e sua auto-estima e, conseqüentemente, do desejo de melhoras de sua região;
- Junto à associação de moradores, em um trabalho de conscientização na população da importância da preservação de seu meio ambiente, através da resolução de seus problemas aqui descritos;
- Junto aos órgãos competentes no que se fizer necessário para colaboração na busca de soluções.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Alexandre. *Lixão Pode Sair do Morro do Céu*. **O Fluminense**. Niterói, 6 de julho de 2001, Cidades, p. 7.

CARRETEIRA, Tereza. **Projeto Integrado de Pesquisa: História e Memória Comunitária**. Depto. de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998.

CLIN Amplia Coleta Seletiva. **O Fluminense**, 22 e 23 de julho de 2001, Opinião/Serviços, p.2.

COLETA Seletiva Vai Ser Ampliada. **Folha de Niterói**, 6 a 12 de julho de 2001, p.2.

COMLURB. **Análise Gravimétrica do Lixo da Cidade do Rio de Janeiro (Série Histórica)**. Rio de Janeiro, Comlurb, 2000.

FEEMA. **Revista Feema**. Rio de Janeiro: Ano II, nº 9, março/abril de 1993.

FUCKS, Mario. *Arenas de Ação e Debates Públicos: Conflitos Ambientais e a Emergência do Meio Ambiente enquanto Problema Social no Rio de Janeiro*. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 41, nº 1, 1998, pp. 87 a 114.

GEORGE, Pierre. **O Meio Ambiente**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

LEITE, F.S.S. *Impacto na Saúde dos Catadores do Lixão da Terra Dura e Estudo Gravimétrico*. **BIO**, Ano II, nº3: 48-51, 1990.

LIMA-E-SILVA, Pedro Paulo de, et al. **Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais**. Rio de Janeiro: Thex Ed. , 1999.

MAHLER, Cláudio. *Tratamento e Disposição dos Resíduos Sólidos Urbanos*. **Revista CREA**, Rio de Janeiro, nº 33, jan/Fev, 2001, p.11.

MEDEIROS, Raquel. *A Reciclagem é a Solução*. **O Dia**. Rio de Janeiro, 1 de julho de 2001, Grande Niterói, p.5.

MEDEIROS, Sany. *Obras no Lixão Serão Aceleradas*. **O Fluminense**. Niterói 15 e 16 de julho de 2001.

MORAES, Elizabeth de. *Polêmica na Fronteira do Mercosul*. **Folha do Meio Ambiente**. Brasília, Abril, 2001. P. 24.

NEVES, Estela & TOSTES, André. **Meio Ambiente: A Lei em Suas Mãos**. Petrópolis: Vozes, 1992.

NEVES, Estela & TOSTES, André. **Meio Ambiente**: Aplicando a Lei. Petrópolis, Vozes, 1992.

NITERÓI. Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia. **Perfil de uma Cidade**. Prefeitura de Niterói, 1999

NITERÓI. Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia. **Niterói Bairros**. Prefeitura de Niterói, 1994.

NITERÓI. Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente. **Diagnóstico Ambiental de Niterói**. Niterói: Typeset Editoração, 1992.

PERET, Achylles. *O Morro do Céu é uma Bomba Relógio*. **Jornal Opção**, edição de 27 de abril de 2001, p. 8.

PRESSER, Margaret. *Lixo – Concentração de Matéria-Prima*. **BIO**. Julho/Setembro, 1991(?).

QUE Horror. **O Fluminense**. Niterói, 11 de julho de 2001, Estela, p. 3.

SISINNO, Cristina Lucia Silveira. **Estudo preliminar da contaminação ambiental em área de influência do aterro controlado do Morro do Céu** (Niterói - RJ), Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995.

SUJOU Geral. **O Globo**, 8 de julho de 2001, Swann, p.19

SUPER Interessante Especial – Natureza Ameaçada, 1990 (?).

VALLE, Bertha Borja Reis et al. *Metodologia da Pesquisa*. **Cadernos Pedagógicos I**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, UERJ, 2000

VELASCO, Sírio Lopez. *Como Entender e Viver o Meio Ambiente?* **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Universidade Federal do Rio Grande, Vol. 03, julho/agosto/setembro de 2000. (<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol3/vol3n1.htm>)

Leis:

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Lei Orgânica de Niterói

Plano Diretor de Niterói – Lei 1157/92

Lei 6932 – Política Nacional de Meio Ambiente

Lei 6938, 31/08/1981 – Política Nacional do Meio Ambiente

Lei 4.771 de 15/09/65 – Novo Código Florestal